

Capela de Nossa Senhora da Soledade
São José de Gorutuba

Diagnóstico
do Estado de Conservação



CADERNO 1

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA SOLEDADE DE SÃO JOSÉ DE GORUTUBA **Diagnóstico do Estado de Conservação**

1. DESCRIÇÃO GERAL DA EDIFICAÇÃO

A edificação em questão, conhecida como Capela de Nossa Senhora da Soledade de São José de Gorutuba ou somente por Capela de São José de Gorutuba, foi edificada possivelmente nas primeiras décadas do século XVIII, remontando as migrações de colonizadores vindas do Nordeste, que deram origem às povoações que se desenvolveram na região norte de Minas Gerais. Fruto desse processo, as ocupações iniciais, possivelmente, se destinaram à criação de gado para a produção da carne salgada que se expandiram seguindo o Rio São Francisco, alimento esse necessário ao abastecimento dos engenhos de cana de açúcar nordestinos e, posteriormente, das vilas mineradoras localizadas na região centro-sul do Estado.

Os núcleos urbanos que surgiram, normalmente, se organizavam em torno das fazendas pecuaristas, cabendo aos donos das terras a doação de terrenos para a construção das capelas aos santos de devoção da comunidade. Como na época a população¹ era rarefeita, devido ao baixo dinamismo das atividades comerciais desenvolvidas, as povoações se constituíam como arraiais pequenos sem a presença da Coroa Portuguesa para administrar o desenvolvimento local, cabendo aos senhores de terras e à Igreja o controle sobre as pessoas que se estabeleciam na região. Dessa forma, a presença frequente de um religioso empossado pela Santa Sé era primordial para manter à ordem entre os moradores, bem como, garantir a manutenção da fé entre os fiéis e a catequização de indígenas que viviam na região.

O papel social da Igreja ao longo dos anos de colonização portuguesa era necessário e primordial para a manutenção da organização religiosa e cívica das

¹ Os colonizadores que se estabeleceram no Norte de Minas nas primeiras décadas do séc. XVIII, possivelmente, se constituíam de migrantes do Nordeste brasileiro, que acompanhavam o crescimento dos rebanhos bovinos ao longo do São Francisco; de paulistas que, sem sucesso nas empreitadas da mineração após a Guerra dos Emboabas, continuaram as Bandeiras até a parte setentrional do Estado; de tropeiros que realizavam o traslado da carne salgada para o sul e traziam produtos diversos para a região no caminho de retorno; e, de alguns poucos escravos negros, necessários para a manutenção da criação de gado e outras tarefas; além dos habitantes nativos que habitavam as terras empossadas pelos povoadores brancos, que ou foram também escravizados ou dizimados por lutas ou doenças. Mais tarde, com a derrocada das atividades mineradoras na região compreendida entre o Serro e Grão Mogol no início do séc. XIX, outros migrantes chegam ao Norte de Minas, intensificando as atividades agropecuárias e permitindo um desenvolvimento mais efetivo e consolidado. Cabe ainda destacar a presença de comunidades quilombolas, que derivam das fugas de escravos dos seus senhores e da falta de aporte à população negra após a abolição da escravatura.

comunidades onde o braço da Coroa Real não chegava efetivamente. Cabia aos religiosos locais ditar o ritmo das atividades comuns à comunidade, incutir o temor a Deus para garantir a civilidade entre as pessoas, bem como, organizar inventários, testamentos e toda ordem de documentos que hoje cabem aos cartórios e comarcas administrar. Gomes (2007) aponta, inclusive, o papel da Igreja como um órgão doutrinador e necessário à organização do controle estipulado pelo Estado Absolutista Português:

A vida social pautava-se pelas missas, procissões e outras cerimônias religiosas. O comportamento individual coletivo era determinado e vigiado pela Igreja Católica. [...] Portugal foi o último país europeu a abolir os autos da Inquisição, nos quais pessoas que ousassem criticar ou se opor à doutrina da Igreja, incluindo infiéis, hereges, judeus, mouros, protestantes e mulheres suspeitas de feitiçaria, eram julgadas e condenadas à morte na fogueira. (GOMES, 2007, p. 59)

Desse modo, muitas vezes empregando o braço forte, a Igreja efetivava o processo de colonização empreendido pelos portugueses, levando a todas as áreas ocupadas um sistema de controle e civilização necessário à produção de riquezas que Coroa tanto ansiava. Isso demonstra que a presença do poder religioso nos arraiais, vilas e cidades distribuídos no Brasil se misturavam à intensa religiosidade presente entre os homens e mulheres provindos de Portugal. No imaginário das pessoas da época era impossível não estar adaptado à rotina imposta pela Santa Sé, seguindo piamente os preceitos, mesmo que de fachada, impostos pela vida religiosa. Tal fato, é refletido em relatos e documentos resgatados do período colonial, onde era comum os fiéis mais abastados doarem generosas ofertas à Igreja em dinheiro, ouro ou posses. Aos que não possuíam herdeiros, era de praxe doar toda a herança à paróquia de devoção.

A generosidade dos fiéis levou à construção de inúmeros templos religiosos nas povoações surgidas em todo o Brasil. Esse processo, normalmente, tinha início com a escolha do local onde se construiria uma capela ao santo de devoção da comunidade. Para isso, escolhiam-se os terrenos mais altos para que o edifício religioso tivesse destaque em relação aos demais. No caso de alguns núcleos urbanos norte mineiros, que surgiram agregados às fazendas, era comum que a doação da terra para a Igreja ocorresse com o fortalecimento da freguesia local, quando o oratório ou cômodo reservado para as celebrações já não era mais suficiente para acomodar os participantes e se desejava fixar algum padre no local.

O início da construção normalmente se dava com uma edificação simples, executada sem muito apuro ou acabamentos sofisticados e, aos poucos, a capela original ia sendo ampliada ou substituída. Nesse processo, quando o núcleo urbano tinha dinamismo econômico, o templo era geralmente reerguido em algum momento com técnicas construtivas mais sofisticadas e agregava-se elementos decorativos de maior qualidade como retábulos, altares, forros decorados, etc. Também, era comum que a estrutura fosse feita de modo para que se pudesse posteriormente edificar uma ou duas torres, elementos que permitiria a denominação de igreja à edificação, diferenciando-a do status inicial.

Essa condição histórica permite desenvolver a hipótese de que a Capela de Nossa Senhora da Soledade de São José de Gortuba foi construída com a previsão de se erguer as torres em algum momento, uma vez que, quando se analisa os materiais e a espessura das paredes da parte frontal da edificação, pode-se perceber uma variação estrutural (paredes mais largas) que indica maior capacidade de receber cargas, condição necessária para edificar com maior altura nos sistemas construtivos feitos com terra crua. Abaixo, destaca-se a diferença de largura entre as paredes da capela, conforme demonstrado na ilustração.

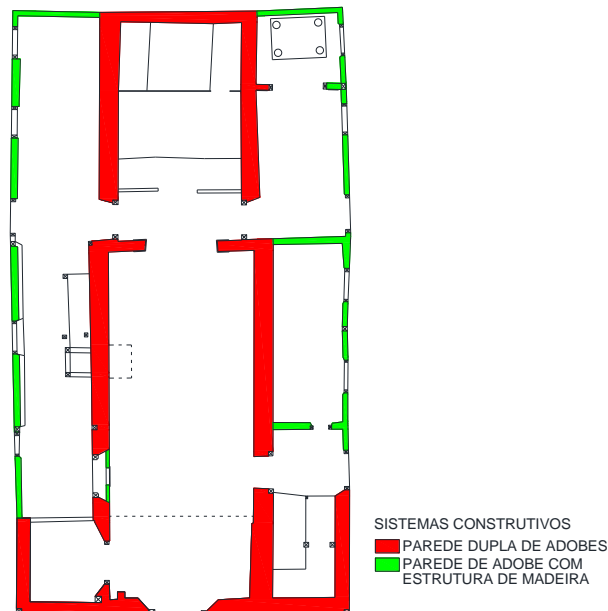


Fig. 01 – Variação de largura das paredes conforme os sistemas construtivos da edificação.

Outra hipótese que a conclusão do levantamento cadastral permite desenvolver é em relação à configuração espacial da capela imaginada inicialmente (Figura 2) e a

existente na atualidade. Como observado, a variação de largura das paredes indica a possível previsão para se erguerem as torres e, juntamente com isso, percebeu-se a vedação de uma porta de acesso à nave no local onde se encontra o nicho lateral esquerdo. O local deveria abrigar um acesso para o exterior² e, com a construção das sacristias na forma que estão hoje, deixou de ter essa facilidade, fato que possivelmente determinou a adaptação para abrigar o nicho para a imagem de São Sebastião.

Outro ponto levantado tem a ver com a forma da porta de acesso à nave a partir do hall (porta PB). Quando se compara com a abertura vedada com a inclusão do nicho, percebe-se que essa possui as laterais chanfradas, enquanto a porta PB tem as laterais paralelas e perpendiculares às paredes. Isso indica a possível realização posterior, após as paredes da nave já estarem concluídas, uma vez que as aberturas existentes na capela-mor também possuem chanfros.

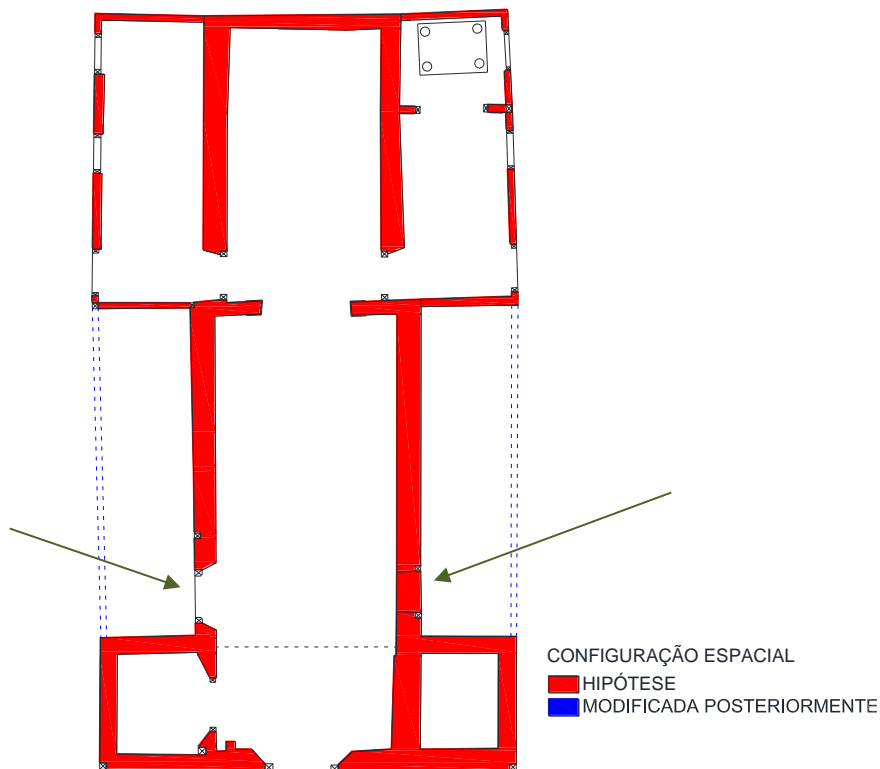


Fig. 02 – Hipótese - alteração nos cômodos da capela.

² Presume-se que se trata de uma porta para o exterior do imóvel pela posição da guarnição da abertura, colocada na parte posterior da parede no lugar de estar na face voltada para a nave, e devido à orientação contrária dos chanfros em relação às portas existentes na capela-mor.

Além das alterações citadas, na sacristia onde há o acesso à escada do púlpito, a distribuição simétrica das janelas e portas como era comum na arquitetura antiga não foi observada. Após analisadas individualmente, percebeu-se que a largura dessas aberturas é menor em relação as da fachada lateral oposta e a localização das mesmas não ocorre em função da disposição das peças estruturais de madeira; inclusive, resultando no corte de um dos esteios estruturais da parede em questão.

Por último, destaca-se que as hipóteses levantadas não se destinam a justificar medidas para promover quaisquer alterações na configuração atual da edificação, mas são importantes para compreender a ação de alguns agentes causadores de patologias na construção.

2. ANÁLISE GERAL DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

O estado de conservação da Capela de São José do Gortuba pode ser classificado com variação entre regular e ruim, considerando os grupos nos quais se enquadram diversos elementos componentes da edificação. Ainda que atualmente não existam locais arruinados, o processo de deterioração em curso na estrutura de madeira do imóvel pode ocasionar o desabamento parcial das paredes externas da sacristia direita e, com isso, prejudicar partes próximas a esse local.

Observou-se que algumas patologias são decorrentes de intervenções que ocorreram nas proximidades da edificação, como a abertura da estrada de acesso à capela e a ampliação do adro após a retirada das casas que existiam no povoado. Essas alterações modificaram o processo de escoamento e drenagem de águas pluviais nas imediações da edificação, o que está levando ao acúmulo de água e, por consequência em alguns pontos, a retirada de terra abaixo da capela. Isso tem provocado problemas com gravidade diferenciada: entre o menos danosos pode-se citar o apodrecimento gradual do assoalho da nave e da capela-mor e o excesso de umidade na base das paredes; e, entre os mais graves, o abatimento da estrutura nas paredes laterais da capela-mor e o apodrecimento dos esteios das paredes externas.

Além das intervenções ocorridas fora da edificação, diversas reformas produziram ações inadequadas à conservação do bem, como: a execução de reboco utilizando cimento na composição da argamassa; o recobrimento do reboco original com camada de

revestimento novo sem preparar as paredes; a reforma do telhado, na qual se utilizou caibros de eucalipto roliço³ e não se recuperou adequadamente os frechais; a repintura dos altares e nicho, que danificou a pintura original; a alteração da estrutura de madeira na parede externa da sacristia esquerda; a execução dos pisos de cimento queimado nos cômodos laterais, que descaracterizaram o bem; a inclusão da grade de metalon na porta de acesso ao coro; bem como, a execução inadequada da instalação elétrica no interior da capela.

O isolamento da Capela de São José do Gorutuba também tem sido um fator dificultador para a conservação adequada do bem, uma vez que o pouco uso e a dificuldade para se realizar pequenos reparos necessários à manutenção correta da edificação intensificaram algumas patologias, que, em outras condições, seriam sanadas e evitariam a deterioração acentuada vista em alguns elementos.

3. DESCRIÇÃO DAS PATOLOGIAS ENCONTRADAS NA EDIFICAÇÃO

A fim de caracterizar o diagnóstico do estado de conservação da capela far-se-á a descrição das patologias por partes da edificação com o detalhamento necessário dos problemas encontrados nos levantamentos, apresentando-se as considerações na seguinte sequência de elementos:

- Cobertura;
- Estrutura;
- Paredes;
- Pisos;
- Forros, esquadrias e elementos agregados;
- Instalações Prediais;
- Elementos Artísticos.

3.1. Cobertura

³ O eucalipto, por ser uma madeira de baixa resistência ao apodrecimento e aos insetos xilófagos, contribui para a ocorrência de danos subsequentes à reforma, como o aparecimento de goteiras, nos locais onde a estrutura de telhado venha a se deteriorar, e, principalmente, ser a porta de entrada para o desenvolvimento de colônias de cupins junto ao imóvel.

A cobertura da Capela de São José do Gortuba é composta por planos de uma ou duas águas e com alturas diferentes, de acordo com a hierarquia e as dimensões do espaço coberto.

A nave e a capela-mor foram executadas com cobertura em duas águas, sendo os planos do telhado sustentados por um tipo de estrutura chamada “caibro armado”. Essa é uma técnica de fácil execução⁴ e bastante empregada na arquitetura colonial em edifícios religiosos⁵ de menores dimensões. Como a nave é mais longa e possui maior largura em relação à capela-mor foi necessário distribuir 3 tirantes de madeira no topo das paredes para evitar a deformação excessiva causada pelas cargas provocadas pela cobertura. Além disso, o telhado nessa parte da edificação é mais alto e define a hierarquia em relação aos demais, conforme pode ser observado na imagem a seguir. O acabamento inferior dos planos do telhado possui uma solução conhecida como “galbo do contrafeito”, que serve para lançar a água da chuva mais distante das paredes.



Fig. 03 – Planos de cobertura.

⁴ Os telhados em caibro armado dispensam o uso de terças e peças estruturais comuns em outros tipos de cobertura, construindo-se as águas apoiadas diretamente sobre os caibros e ripas. Essa técnica é vantajosa para vencer vãos mais curtos devido ao uso racional da madeira, pois não demandam de peças muito robustas, mas demandam da colocação de cada tesoura distanciadas a mais ou menos 50 cm uma das outras.

⁵ No Norte de Minas Gerais, os telhados com estrutura em caibro armado são bastante comuns em edificações religiosas, tendo em vista que a maioria dos templos não chegou a se transformarem em edificações de grandes dimensões.



Fig. 04 – Estrutura em caibro armado e tirantes de madeira.

Os cômodos laterais foram executados com telhados de uma água, sem tesouras, com os planos sustentados por caibros fixados sobre frechais e apoios instalados nas paredes laterais da nave e capela-mor. Como no restante da cobertura, o galbo do contrafeito foi executado originalmente, mas com as reformas realizadas, além da troca do madeiramento, esse elemento não foi realizado corretamente, anulando a função original de proteger as bases das paredes e estruturas.



Fig. 05 – Telhado em uma água – cômodos laterais.



Fig. 06 – Estrutura do telhado – cômodos laterais.

O estado geral de conservação da cobertura da capela pode ser considerado regular, uma vez que não foram verificados danos de grandes proporções. Pelo observado, as ocorrências são derivadas da falta ou execução incorreta de manutenções, que provocaram, com o tempo, o aparecimento de problemas relacionados com a falta de estanqueidade do telhado⁶ e, conseqüentemente, o apodrecimento de peças da estrutura. Além desse fato, as intervenções, que alteraram o madeiramento original dos cômodos laterais, inseriram madeiras de baixa resistência à infestação de cupins. Esses insetos estão se proliferando atualmente por todo os elementos feitos com esse material, colocando em risco a preservação de partes importantes do bem, como o forro decorado, o retábulo, altares e nichos.

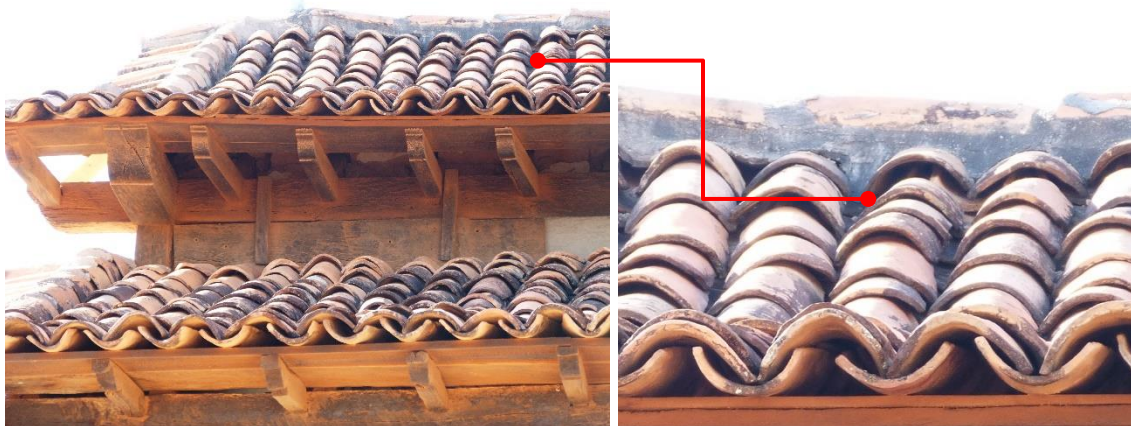


Fig. 07 – Detalhe da cobertura – Telhas deslocadas ou quebradas.

⁶ Os danos causados pelas goteiras serão tratados no subitem que tratará das paredes.



Fig. 08 – Detalhe da cobertura – Telhas deslocadas ou quebradas.



Fig. 09 – Detalhe da cobertura – Telhas deslocadas ou quebradas.

Os danos no madeiramento do telhado têm provocado o afundamento de partes do plano de cobertura e o desalinhamento dos beirais, o que vem provocando a entrada de água no interior da edificação durante as chuvas. Devido a isso, percebe-se, abaixo dos pontos onde esse problema é mais grave, manchas de escorrimento de água sobre as paredes e elementos agregados. As infiltrações provenientes do telhado são um agente que pode provocar graves problemas para a conservação futura do bem, considerando que as paredes foram executadas com terra crua e os objetos artísticos agregados possuem

uma fragilidade inerente a própria degradação da madeira, levando-se em conta os mais de 150 anos de execução da maioria desses.



Fig. 10 – Detalhe da cobertura – Afundamento nos planos de cobertura.



Fig. 11 – Detalhe da cobertura – Afundamento nos planos de cobertura.

Os danos ocorrentes na cobertura têm se manifestado com maior intensidade junto aos beirais, devido à maior fragilidade da estrutura nessas partes. Como houve a alteração da inclinação das águas do telhado nas extremidades com a execução do galbo do contrafeito, com a degradação das peças que compõem esse elemento, o sustento das

cargas passa parcial ou totalmente a ser transferido para o guarda-pó e a cachorrada do beiral, no lugar de se distribuir uniformemente como previsto.

A estrutura do galbo do contrafeito é conferida por uma peça de madeira disposta em posição diagonal, fixada na extremidade superior na tesoura em caibro armado e na inferior no cachorro e no guarda-pó. Como a técnica usada para a fixação dos cachorros nos frechais é um encaixe de madeira tipo “rabo de andorinha” no qual não se empregaram cravos ou outro tipo de presilha; ainda que houvesse a previsão para que essas peças sustentassem parte da carga do telhado, com o apodrecimento dos caibros e do próprio frechal comprometeu os encaixes e provocou a transferência do esforço para as tábuas do guarda-pó. A falta de manutenção desses elementos tem agravado essa ocorrência, colocando em risco o telhado, uma vez que a cada temporada de chuvas agrava-se os problemas causados pelo apodrecimento e aumenta o esforço sobre as partes já fragilizadas.

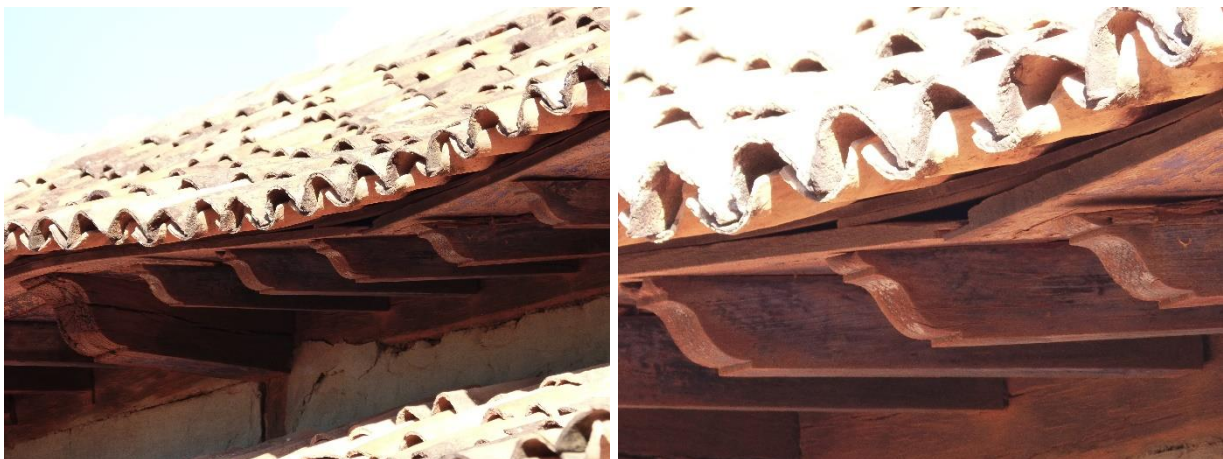


Fig. 12 – Detalhe da cobertura – Desalinhamento dos beirais.



Fig. 13 – Detalhe da cobertura – Desalinhamento dos beirais.

Em alguns pontos na fachada lateral esquerda, onde essa ocorrência se manifestou anteriormente tentou-se fazer o reparo do apodrecimento dos frechais, mas a execução da intervenção foi realizada de maneira incorreta. No lugar de se substituir a peça de madeira deteriorada ou fazerem-se enxertos com material similar, fez-se a recomposição de argamassa hidráulica preenchendo as partes perdidas e fixando precariamente os cachorros no local.



Fig. 14 – Detalhe da cobertura – Desalinhamento dos beirais.

Outras intervenções inadequadas foram feitas nas reformas que a edificação sofreu ao longo dos anos, principalmente na realizada na sacristia do lado esquerdo após o desabamento ocorrido nessa área nos anos 90. Na ocasião, como citado, houve a substituição do madeiramento original por paus roliços de eucalipto, o que implicou em ação inadequada, mas justificável diante da falta de recursos adequados para a execução de uma restauração, propriamente dita.

A reconstrução da sacristia não levou em consideração a adoção de medidas destinadas à manutenção das características originais, uma vez que alterou em parte os elementos da cobertura como o acabamento do galbo do contrafeito, e, também, não incluiu soluções para a melhor conservação do bem, como a instalação de rufos nos locais onde o telhado se encontra com as paredes da nave e da capela-mor. A falta de proteção nessa área permite a entrada de água no interior da edificação quando as chuvas ocorrem acompanhada de ventos, já que os beirais acima dos cômodos laterais não protegem suficientemente o telhado abaixo deles.

A reforma citada também não levou em consideração a construção de uma empena entre os telhados do hall de acesso ao púlpito e da sacristia do lado esquerdo. Com isso,

existe um vão significativo entre esses cômodos que deixa a edificação desprotegida para a entrada de água e de animais no local. Presume-se que a inexistência da empena pode ser fruto do desabamento das paredes originais e a não execução de uma outra para a separação dos espaços.



Fig. 15 – Detalhe da cobertura – Caibros em eucalipto roliço.



Fig. 16 – Detalhe da cobertura – Espaço entre os telhados sem a execução de empena.



Fig. 17 – Detalhe da cobertura – Execução incorreta do galbo do contrafeito.



Fig. 18 – Detalhe da cobertura – Falta de rufo para acabamento do telhado.

Ainda, nas reformas realizadas na cobertura, o acabamento do telhado foi realizado de maneira incorreta, empregando argamassa hidráulica com traço forte na execução do embocamento. O uso do cimento produz uma massa muito rígida que, quando utilizada em telhados antigos, provoca, com o tempo, o rompimento das telhas⁷ e, conseqüentemente, dão origem a infiltrações onde isso ocorre. Do mesmo modo, devido a rigidez excessiva da argamassa hidráulica, é comum surgirem rachaduras nos locais em que o embocamento foi realizado no encontro com paredes de terra rebocadas com cal e areia. O

⁷ As telhas antigas foram produzidas em um processo artesanal de moldagem, o que levava a uma irregularidade bastante grande entre as peças. Ao mesmo tempo, a finalização era feita em fornos improvisados no próprio local de construção e não garantiam a uniformidade do processo de vitrificação da cerâmica. A execução de modo precário aliada a exposição aos agentes atmosféricos, às intempéries e à alteração de temperatura exigem métodos de manutenção que se adequem às situações as quais estão expostas esses materiais.

comportamento distinto dos materiais em relação a dilatação e contração e a movimentação da estrutura de madeira que sustenta a edificação acabam provocando essa ocorrência.



Fig. 19 – Detalhe da cobertura – Embocamento das telhas realizados incorretamente.



Fig. 20 – Detalhe da cobertura – Embocamento das telhas realizados incorretamente.



Fig. 21 – Detalhe da cobertura – Embocamento das telhas realizados incorretamente.

Por fim, quanto às patologias observadas na cobertura, foi observado a deterioração da estrutura do telhado causada pelo apodrecimento da madeira e infestação por cupins de solo. Nos levantamentos foram identificados vários pontos onde esses insetos produziram galerias para atingir o madeiramento em geral da edificação, chegando até os tirantes, caibros e ripas. Entende-se que, ainda que observável a presença de cupins de solo nas proximidades da capela, a inclusão de madeiras menos resistentes nas reformas do telhado intensificou o ataque desses insetos xilófagos⁸ no interior da edificação.



Fig. 22 – Detalhe da cobertura – Galeria produzida por cupins de solo (tirante do telhado na nave).



Fig. 23 – Detalhe da cobertura – Peça de madeira atacada por cupins de solo.

⁸ Os cupins, de um modo geral, têm preferência em atacar madeiras mais macias e que contenham boa quantidade de seiva nas fibras internas, como no caso do eucalipto produzido em grande escala usado nas construções. No entanto, com o tempo, é comum a migração das madeiras de menor qualidade para as peças existentes nas edificações antigas, que já estão com sua resistência reduzida devido à exposição ao tempo.

Além da deterioração da estrutura do telhado pela ação dos cupins, foi observado pontos onde ocorreu o apodrecimento parcial das peças de madeira, fato que tem levado a deformação nos planos de cobertura da edificação.



Fig. 24 – Detalhe da cobertura – Peças de madeira com apodrecimentos.



Fig. 25 – Detalhe da cobertura – Peças de madeira deterioradas pela exposição às intempéries.

3.2. Estrutura

A solução estrutural empregada na Capela de São José do Gortuba foi dividida entre dois recursos, no primeiro tem-se, na nave e capela-mor, a utilização de paredes duplas autoportantes de adobe, com esteios de madeira distribuídos de acordo com a necessidade de se dispor alguma abertura ou sustentar algum elemento específico. Nesse caso, as peças de madeira possuem uma posição secundária como estrutura, sendo as

paredes responsáveis pelo recebimento da maior parte das cargas e transmissão para as fundações.

Na segunda solução, realizada para as paredes externas⁹, empregou-se uma estrutura de madeira com esteios que distribuem pontualmente as cargas da cobertura, deixando as paredes adobes somente com a função de vedação. Isso permitiu a realização de um sistema construtivo mais próximo dos utilizados em edificações comuns; no entanto, o método de execução desconsiderou o uso de baldrames de madeira, que se destinariam à função de travar a estrutura na parte inferior e sustentariam as paredes de vedação. A inexistência desse elemento, em parte, tem sido responsável por patologias que vêm se formando na fachada da sacristia do lado direito, uma vez que se percebeu o deslizamento das bases das paredes onde surgiram apodrecimento nos esteios. Essa, inclusive, é uma das patologias que mais comprometem a conservação da capela, pois o estado atual da deterioração indica a possibilidade iminente de desabamento de parte das paredes, tendo em vista um agravamento significativo dos danos entre 2014 e 2016.

Como observado, boa parte dos esteios das paredes externas tem apresentado algum grau de apodrecimento nas bases e, nos casos mais graves, a parte inferior da peça de madeira está completamente deteriorada. Isso ocasionou a distribuição irregular das cargas, transferindo às paredes de vedação a função de suportar o peso da cobertura e, por consequência, causa o aparecimento de rachaduras ao longo das fachadas, entre outras coisas. Na sacristia do lado direito, somente um dos esteios apresenta esse problema de forma significativamente, fato que vem provocando uma sobrecarga lateral no alicerce de pedras argamassadas e causou a deformação do elemento e o deslizamento parcial da parede. Essa ocorrência, também, levou ao surgimento de uma ruptura na ligação entre a fachada e a parede da Capela do Santíssimo, que estão dispostas perpendicularmente.

Na fachada oposta a deterioração das bases dos esteios ocorreram de maneira mais branda, até porque houve anteriormente o desabamento das paredes da sacristia do lado esquerdo e esses danos foram reduzidos na reforma realizada no local. Entretanto, como existe a infiltração de águas pluviais por baixo da edificação em função da falta de drenagem adequada, o acúmulo de umidade tem contribuído para que haja condições de

⁹ Como tratado anteriormente, as paredes externas são mais largas junto à fachada frontal e mais estreitas nos cômodos das sacristias, copa, Capela do Santíssimo e hall de acesso ao púlpito.

ocorrer o apodrecimento da madeira. Além disso, a passagem da enxurrada nas proximidades e dentro da capela tem carregado a terra que sustenta os esteios e as paredes, provocando novos danos como o desalinhamento da cobertura, o desarranjo de peças da estrutura, rachaduras e abatimentos das paredes.



Fig. 26 – Estado de conservação da fachada lateral direita.



Fig. 27 – Rachaduras provocadas pela deterioração das bases dos esteios.



Fig. 28 – Rachaduras provocadas pela deterioração das bases dos esteios.



Fig. 29 – Desarranjo das peças da estrutura – folga preenchida com argamassa.



Fig. 30 – Rachaduras provocadas pela deterioração das bases dos esteios.



Fig. 31 – Rachaduras provocadas pela deterioração das bases dos esteios – fachada posterior.



Fig. 32 – Rachaduras provocadas pela deterioração das bases dos esteios – fachada lateral esquerda.



2014



2016



2014



2016

Fig. 33 – Comparação do avanço das rachaduras provocadas pela deterioração das bases dos esteios.



Fig. 34 – Deterioração das bases dos esteios por apodrecimento.



Fig. 35 – Deterioração das bases dos esteios por apodrecimento.



Fig. 36 – Desaprumo / rachaduras no alicerce devido à sobrecarga lateral.

Internamente, na nave e capela-mor, não foram identificadas patologias causadas pelo apodrecimento das bases dos esteios; no entanto, a entrada de água pluvial abaixo da edificação tem provocado abatimento em algumas peças, como as que sustentam a porta de passagem da nave para a sacristia do lado esquerdo e a janela J9. Essa ocorrência deu origem a rachaduras em forma de sino acima dessas aberturas que, apesar de incomum em estruturas de madeira, se deve possivelmente à maneira como as paredes duplas de adobe foram construídas, intercalando esteios para a execução de aberturas, e as alterações estruturais realizadas.



Fig. 37 – Rachaduras formadas acima da porta PD e da janela J9.

Assim como na estrutura do telhado, também se encontrou galerias de cupins formadas em parte dos esteios da edificação. O comprometimento, nesse caso, ainda não afeta o edifício em larga escala, percebendo-se danos pontuais; porém, caso não haja ações para evitar a ação desses insetos, podem-se formar acometimentos tão graves quanto o formado pelo apodrecimento na base das peças de madeira.



Fig. 38 – Galerias formadas por cupins de solo sobre os esteios.



Fig. 39 – Infestação de cupins no cunhal direito da fachada frontal.

Uma particularidade encontrada na estrutura da edificação tem a ver com a posição dos cunhais dispostos nos fundos, que não foram executados nas extremidades da construção. Esse fato possivelmente deve-se à necessidade de se manter o alinhamento das peças de madeira, uma vez que as os esteios lançados nas paredes mais largas da capela-mor não foram dispostos nas extremidades dessas. A alteração de posição não compromete a unidade estrutura, mas reduz a funcionalidade das ligações entre as partes construídas com terra crua e os esteios de madeira e isso pode ser um dificultador na recuperação do conjunto da sacristia lateral direita que apresenta risco de desabamento.



Fig. 40 – Posição dos cunhais na parte posterior da edificação.

Outra alteração realizada na estrutura foi feita no hall de acesso ao púlpito, no qual uma das peças de madeira foi seccionada e as janelas foram executadas de maneira

diferente das localizadas na fachada contrária. Nesse caso, a distribuição de cargas da peça modificada deixou de ser feita diretamente para a fundação e foi transferida para a verga e as ombreiras de uma das aberturas feitas no local.

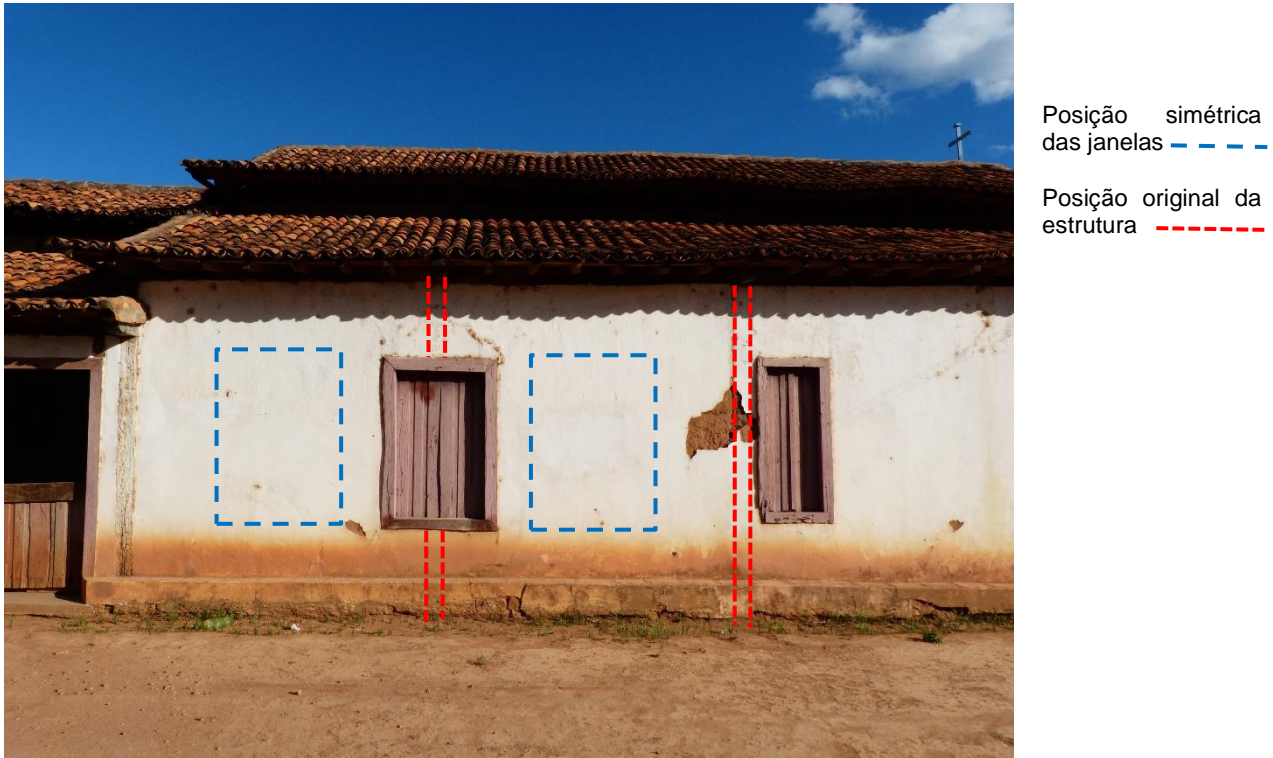


Fig. 41 – Alteração na estrutura de madeira e nas aberturas – fachada lateral esquerda.



Fig. 42 – Alteração na estrutura de madeira – hall de acesso ao púlpito.

Verificou-se também que em alguns pontos a tentativa de reforçar a estrutura nas reformas realizadas, com a colocação de tirantes com cabos de aço e chapas metálicas

para a refazer a ligação entre as peças de madeira. Essas modificações devem ser revistas a fim de se adequar a situação atual do estado de conservação da edificação, avaliando-se a adequação desses recursos e funcionalidade em relação aos danos surgidos após as intervenções. Além dessas medidas, pôde-se perceber a aplicação de elementos improvisadas para a sustentação de peças comprometidas.



Fig. 43 – Atirantamento da estrutura de madeira com cabo de aço.



Fig. 44 – Amarração de peças da cobertura com arame.



Fig. 45 – Enxerto de cunhas de madeira em folgas dos encaixes e fixação da estrutura com chapa metálica.

Por fim, destaca-se o risco real de comprometimento de um dos principais elementos presentes na edificação, o altar dedicado ao Santíssimo Sacramento e a São José, que se localiza junto à sacristia do lado direito. O avanço dos problemas existentes na estrutura provoca a possibilidade de desabamento iminente das paredes e da cobertura no local, o que levaria a perda de um dos bens integrados de valor inestimável para o conjunto da Capela de São José do Gortuba. Recomenda-se a realização de escoramento provisório do espaço até que se faça a restauração adequada da estrutura.



2014



2016

Fig. 46 – Capela do Santíssimo – progresso da deterioração no local.



Fig. 47 – Sacristia do Lado Direito – Rachaduras na ligação entre as paredes internas e externas.



Fig. 48 – Sacristia do Lado Direito – Rachaduras e abatimento no piso.



Fig. 49 – Capela do Santíssimo Sacramento – Rachaduras nas paredes.

3.3. Paredes e Revestimentos

Como tratado anteriormente, as paredes da Capela de São José do Gorutuba foram executadas em adobe, tendo diferenciação somente em relação a maneira de execução

onde se empregou fiadas duplas, com finalidade estrutural, nas paredes da nave e capela-mor e simples nas demais como vedação. O revestimento utilizado foi o reboco com argamassa a base de cal e areia, com pintura tipo caiação na cor branca.

Nos levantamentos não se identificou alteração de materiais nas paredes propriamente ditas, nas quais, se houveram modificações com a utilização de tijolo cerâmico, tratam-se de intervenções pontuais. Com isso, deve-se, na restauração, observar a preservação das técnicas originais e, em caso de reconstrução parcial, adotar uma técnica similar para a confecção de adobes a fim de assegurar o comportamento físico e estrutural dos elementos da edificação. A originalidade, no entanto, não foi observada na manutenção dos revestimentos, onde se encontrou diversos trechos com aplicação de uma nova camada de argamassa sobre o reboco original sem preparo adequado das paredes ou utilização de argamassa hidráulica sobre a terra crua. A pintura foi refeita várias vezes ao longo do tempo, mas na maioria dos casos manteve-se o uso de tinta à base de cal.

3.3.1. Paredes

O estado de conservação das paredes da edificação, no geral, pode ser considerado regular; entretanto, alguns pontos os danos colocam em risco a preservação desses elementos, como na sacristia do lado direito e acima da porta entre a capela-mor e a sacristia do lado esquerdo. Nesses locais, existe a possibilidade de desabamento se as patologias não forem corrigidas em tempo. Já nas demais partes da Capela, os danos podem ser recuperados a partir de soluções convencionais.

Observou-se, também, patologias causadas pelos problemas estruturais mencionados, que deram origem a trincas e rachaduras geralmente provocadas pela distribuição irregular das cargas, o que demonstra sobrecarga em parte das paredes de vedação. Nas paredes de adobe duplo, as rachaduras são menos comuns, indicando inicialmente que não há danos significativos nesses elementos. No entanto, os problemas, provocados pelas infiltrações no telhado e pela entrada de água pluvial abaixo da edificação, podem contribuir para o surgimento de novas patologias dessa natureza, comprometendo rapidamente os materiais.

Além das rachaduras e trincas, os danos na estrutura de madeira têm provocado o desaprumo das paredes externas. Percebeu-se que essa patologia se manifestou de modo diferente nas fachadas laterais, sendo na direita percebido pelo afastamento da base da

parede, onde ocorre o apodrecimento dos esteios, o que leva a uma inclinação na direção do interior da edificação. Na fachada oposta, a movimentação é contrária, ocorrendo no topo do plano das paredes e direcionada para o exterior.



Fig. 50 – Rachaduras nas paredes provocadas pela movimentação da estrutura.



Fig. 51 – Rachaduras nas paredes provocadas pela movimentação da estrutura.



Fig. 52 – Desaprumo das paredes provocado pela movimentação da estrutura – fachada lateral direita.



Fig. 53 – Desaprumo das paredes provocado pela movimentação da estrutura – fachada lateral direita.

Outra situação identificada foi o desenvolvimento de danos provocados pelas reformas realizadas ao longo do tempo. A incompatibilidade entre o material utilizado nas intervenções e o original têm originado trincas e descolamento no reboco em toda a edificação. A utilização de Cimento Portland na composição da argamassa, como se sabe, é inadequada para as paredes construídas com terra crua, devido à diferença de

comportamento físico-químico dos elementos que compõe de cada uma. Com o tempo, verifica-se a tendência de desprendimento desse tipo de reboco, que, no caso em questão, como agravante, foi realizado sobre a camada de revestimento anterior, sem o preparo correto do suporte.



Fig. 54 – Descolamento causado pela incompatibilidade de materiais usados no reboco original e nas intervenções.



Fig. 55 – Descolamento causado pela incompatibilidade de materiais usados no reboco original e nas intervenções.



Fig. 56 – Descolamento causado pela incompatibilidade de materiais usados no reboco original e nas intervenções.



Fig. 57 – Descolamento causado pela incompatibilidade de materiais usados no reboco original e nas intervenções.

3.3.2. Revestimentos

Nos testes realizados por ensaio de percussão verificou-se som cavo no reboco em praticamente todas as paredes da edificação, numa faixa de até cerca de 1,5 m de altura; além dos locais onde ocorre o descolamento do revestimento ocorreu devido à movimentação da estrutura. Isso se deve a uma conjunção de fatores, provocados pelas intervenções inadequadas, danos estruturais, infiltrações e pela deterioração natural dos materiais.

O descolamento do reboco dá origem a danos como perdas pontuais, que favorecem a deterioração do adobe, uma vez que, quando exposto, pode ocorrer o carreamento de material nas paredes externas, suscetíveis às intempéries, e, nas internas, onde ocorre escorrimento de água da chuva. Além disso, as partes expostas da estrutura de madeira estão mais sujeitas ao apodrecimento.



Fig. 58 – Carreamento de material favorecido pelo descolamento do reboco – paredes internas.



Fig. 59 – Carreamento de material favorecido pelo descolamento do reboco – paredes externas.



Fig. 60 – Perda pontual do reboco expondo as estruturas – paredes externas.



Fig. 61 – Perda pontual do reboco expondo o adobe – paredes externas.

A falta de drenagem adequada no entorno da edificação tem permitido a formação de manchas de sujeira na base das paredes, onde ocorre a área de respingo do telhado, que projeta partículas de lama sobre esses elementos nos dias chuvosos. Essa ocorrência pode ser percebida com maior intensidade nas fachadas laterais e posterior e possui cerca de 30 a 40 cm de altura acima dos alicerces. Além dessa situação, é comum perceber o acúmulo de sujeira, de modo menos intenso, sobre o plano das paredes devido à irregularidade do reboco.



Fig. 62 – Acúmulo de sujeira nas paredes externas.

Outro problema observado é a formação de manchas escuras causadas pelo acúmulo de umidade na parede do hall de acesso ao púlpito. Essa patologia ocorre em ambos os lados da parede, mas é mais evidente na parte inferior do lado interno do hall, abaixo de uma infiltração existente no telhado.



Fig. 63 – Manchas de umidade formadas na parede – hall de acesso ao púlpito.

A falta de manutenção constante na Capela acarretou na formação de danos menos graves sobre as paredes, como a deterioração da pintura a base de cal, causada tanto pelo próprio envelhecimento do material e a exposição às intempéries quanto por intervenções inadequadas para repintura e reparos pontuais no reboco. Tal fato, além de descaracterizar a edificação, acaba comprometendo a conservação do bem por causa da falta de eficácia desse elemento de proteção.



Fig. 64 – Pintura a base de cal com descamação superficial.

Por fim, cabe destacar as alterações no reboco realizadas nos locais que foram submetidos a reformas, como na reconstrução das paredes que desabaram na sacristia do lado direito e nos reparos pontuais no revestimento. As intervenções feitas não levaram em consideração aplicar a camada de argamassa sobre as peças de madeira que compõe a estrutura, de acordo com a técnica construtiva original, deixando-as expostas e, por consequência, mais expostas ao apodrecimento e a infestação por cupins.



Fig. 65 – Peças de madeira da estrutura expostas após intervenções.

3.4. Pisos

Os pisos utilizados na construção da Capela de São José do Gortuba foram definidos de acordo com a finalidade dos espaços que compõe a edificação. Na nave e na capela-mor empregou-se piso em tabuado de madeira, assentados em dois níveis sobre barrotes apoiados diretamente sobre o solo e sobre estrutura elevada junto ao altar-mor. Nesses espaços, as tábuas estão posicionadas perpendicularmente em relação às paredes laterais. Na capela do Santíssimo Sacramento foram utilizadas lajotas cerâmicas, de formato quadrado, assentadas com fiadas simples e juntas desencontradas. Nos demais cômodos do térreo, o piso original foi removido e substituído por cimento queimado; enquanto, no coro, o piso em tabuado não foi alterado.

O estado de conservação do assoalho existente na nave, no batistério e na capela-mor estão bastante deteriorados após as subseqüentes infiltrações que se formaram devido à entrada de água pluvial abaixo da edificação. A maneira que o assentamento do tabuado foi feito contribui para que essa ocorrência se torne mais danosa, uma vez que a execução do barrotoamento se deu diretamente sobre o terreno natural, sem o afastamento necessário para evitar a degradação da madeira. Com isso, após as chuvas mais fortes é comum o acúmulo de água abaixo das tábuas, que vertem acima do assoalho nos locais onde o apoio do piso já se deteriorou, de acordo com relatos dos zeladores da Capela.

Também, pode-se verificar a tentativa de recuperação desse assoalho com a substituição parcial das tábuas. No entanto, na reforma empregou-se madeira comercial de pínus, que, além de descaracterizar o piso, permite a fácil proliferação de insetos xilófagos devido à baixa resistência e qualidade desse tipo de madeira.



Fig. 66 – Detalhe do assoalho – Nave / Capela-Mor.



Fig. 67 – Detalhe do assoalho – Capela-Mor.



Fig. 68 – Detalhe do assoalho – Batistério.



Fig. 69 – Substituição das tábuas originais por tábuas de pinus.

Pode-se observar na Figura 67, a existência de perdas pontuais nas extremidades das tábuas, causadas pelo apodrecimento dessas partes. Essa patologia se forma, normalmente, nos locais onde ocorre a maior concentração de água pluvial após as chuvas. Os pontos críticos, relacionados com esses danos, se concentram nas proximidades do guarda-corpo do presbitério e no corredor central na nave. Além desse dano, notou-se que as tábuas estão bastante desniveladas e empenadas devido aos problemas relatados.

O abatimento junto à Porta PD, como relatado anteriormente, também está provocando danos no assoalho, uma vez que a soleira dessa porta, por servir de apoio para os marcos da esquadria, apresentou um afundamento de cerca de 2 a 3 cm. No local, se formou um desnível entre os pisos de madeira e o queimado que foi executado na sacristia do lado esquerdo, que, pelas características da ocorrência, tende a aumentar após as próximas temporadas de chuvas, se não houver a solução da patologia.



Fig. 70 – Afundamento observado na soleira da Porta PD.



Fig. 71 – Afundamento observado na soleira da Porta PD.

O assoalho de madeira executado no coro, por estar assentado sobre barrotes em outro nível da edificação, não apresenta as patologias observadas no térreo. Nesse cômodo, observaram-se somente desgastes pontuais e, na maior parte do piso, o estado de conservação é regular.



Fig. 72 – Detalhes do assoalho do coro.

Na Capela do Santíssimo Sacramento, o piso em lajotas cerâmicas apresenta diversas deteriorações causadas pela exposição das peças à sobrecarga e ao desgaste provocado pela movimentação de pessoas e objetos.

Pôde-se observar a ocorrência de muitas fraturas nas lajotas, que se formam nos pontos em que as peças não estão bem apoiadas ou que o piso cedeu devido ao abatimento próximo às paredes que estão em processo de arruinamento. Isso tem dado origem a um significativo desnivelamento que acaba por remover material abaixo das lajotas e acentua o aparecimento desse tipo de dano. O abatimento citado tem ocorrido nas proximidades da parede da fachada lateral direita e fez com que o piso cedesse cerca de 3 cm em relação à porta de entrada da capela.

Ainda, verificou-se o desgaste superficial de muitas peças na porção do piso em frente do altar, local mais sujeito ao tráfego de pessoas durante as celebrações. Possivelmente, esse dano tem sido acentuado pela utilização de escadas inadequadas para se enfeitar o altar durante as festividades. Os equipamentos usados, normalmente, possuem bases de diâmetro reduzido que, pelo mau uso, acabam perdendo a ponteira emborrachada e friccionam o metal diretamente sobre as lajotas cerâmicas. Isso faz com que a pressão produzida fracture a superfície do material, acentuando a deterioração.



Fig. 73 – Detalhes do piso de lajotas cerâmicas da Capela do Santíssimo.



Fig. 74 – Desgaste superficial do piso de lajotas cerâmicas – Capela do Santíssimo.



Fig. 75 – Peças fraturadas e desnivelamento do piso de lajotas cerâmicas – Capela do Santíssimo.

Os demais pisos existentes na edificação se tratam de intervenções que alteraram as características originais desses elementos. Nas reformas realizadas, executou-se o recobrimento do solo com contrapiso e acabamento com técnica cimento queimado na cor natural do cimento ou com adição de pigmento vermelho. O estado de conservação do piso citado é em geral ruim, no qual se observou a presença de muitas trincas e rachaduras, perdas pontuais, além de desnivelamento nos pontos em que o solo perdeu material devido às infiltrações de água pluvial.

Ainda que o piso em cimento queimado não será mantido, por se tratar de uma descaracterização, um relato dos zeladores da Capela é importante ser considerado para se desenvolver medidas de conservação preventiva para a edificação. De acordo com a Sr^a. Lizena, ocorre a formação frequente de formigueiros no solo abaixo das sacristias, que acabam por fazer piso ceder por falta de sustentação. Ainda, devido ao processo de arruinamento das paredes da sacristia do lado direito, identificou-se um significativo abatimento do piso na área em que esse dano se desenvolve.



Fig. 76 – Detalhes do estado de conservação do piso em cimento queimado.



Fig. 77 – Detalhes do estado de conservação do piso em cimento queimado.



Fig. 78 – Detalhes do estado de conservação do piso em cimento queimado.

Nas áreas externas, em frente das fachadas frontal e lateral direita, foi executada a pavimentação do solo com pedras irregulares, produzindo um piso tipo pé de moleque. Devido à falta de manutenção constante ocorre o crescimento de vegetação rasteira nas frestas entre as pedras; inclusive, esse fato deu origem a fixação de algumas árvores de médio porte, que acabam por contribuir para a formação de danos nas fundações da edificação. Os vazios existentes permitem que as plantas se desenvolvam e, por consequência, acabam ao desenvolver raízes que contribuem para o processo de deslocamento das peças usadas como pavimento. Além disso, as chuvas, o movimento de pessoas e animais, entre outras coisas, também contribuem para a perda de material.

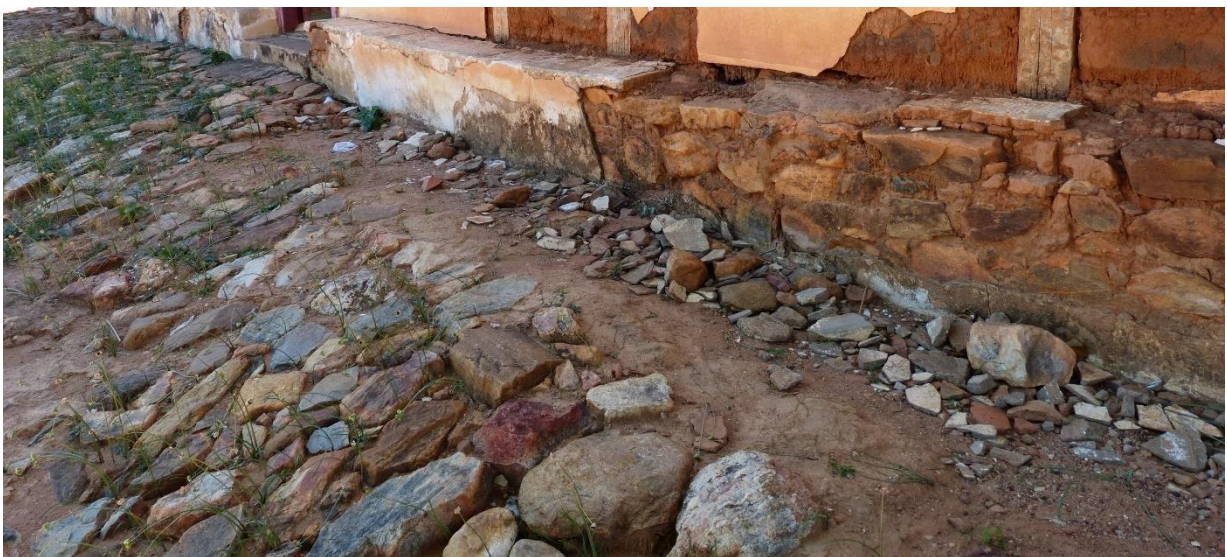


Fig. 79 – Detalhes do piso em pé de moleque no exterior da edificação.



Fig. 80 – Detalhes do piso em pé de moleque no exterior da edificação.

3.5. Escadas

A edificação conta com três escadas de madeira para acesso ao coro, retábulo-mor e púlpito, cada uma construída com uma configuração diferente. A que permite acesso ao coro é uma escada em L de dois lances e 19 degraus, com patamar na posição intermediária e corrimão de apoio na lateral direita; a criada para acessar o púlpito possui lance único de 14 degraus com patamar na parte mais alta e corrimão na lateral direita; a escada para atender o retábulo-mor não conta com corrimãos e possui 4 degraus.

O estado de conservação da escada de acesso ao coro pode ser classificado entre regular e ruim. A estrutura encontra-se danificada devido ao abatimento dos esteios que sustentam o patamar, o que provocou o desencaixe parcial das peças inclinadas que ligam essa parte com o piso do nível superior. Esse dano pode ter sido causado pela carga provocada pela movimentação de pessoas sobre a escada e a falta de compactação adequada na base dos esteios ou o possível apodrecimento dos mesmos. Parte dos degraus estão desnivelados e desgastados pelo uso, tendo sido identificado a presença de cupins nesses elementos. Os corrimãos também apresentam problemas de desencaixe da estrutura, tendo o do primeiro lance, inclusive, sido desconectado completamente do suporte por causa da queda do arranque.

A escada de acesso ao púlpito apresenta patologias similares da que leva ao coro, como o desgaste e desnivelamento dos pisos dos degraus. Não foram observados problemas estruturais graves e danos que comprometessem os elementos constituintes. Possivelmente existe pontos afetados por cupins, uma vez que esses foram encontrados nas proximidades.

Diferentemente das demais, a escada de acesso ao retábulo-mor foi pintada com uma tinta em tonalidade verde, o que mascara a percepção de danos como o desgaste da superfície das tábuas usadas nos pisos dos degraus. No entanto, observou-se perdas pontuais nos elementos de acabamento dos espelhos e um leve desnivelamento à direita.



Fig. 81 – Detalhe do estado de conservação da escada – acesso ao coro.



Fig. 82 – Detalhe do estado de conservação da escada – acesso ao coro.



Fig. 83 – Detalhe do estado de conservação da escada – acesso ao coro.



Fig. 84 – Detalhe do estado de conservação da escada – acesso ao coro.



Fig. 85 – Detalhe do estado de conservação da escada – acesso ao púlpito.



Fig. 86 – Detalhe do estado de conservação da escada – acesso ao púlpito (parte posterior).



Fig. 87 – Detalhe do estado de conservação da escada – acesso ao púlpito (parte posterior).

3.6. Esquadrias e Elementos Agregados

As esquadrias utilizadas na edificação, em geral, são de produção artesanal e executadas com arranjo simples em tabuado disposto sobre travessas sem o emprego de pregos ou cravos. As folhas das portas e bandeiras das janelas são cegas, fixadas aos marcos por dobradiças de ferro batido tipo gonzo e fechadas por trancas feitas de paus roliços de madeira que se prendem em barra metálica em formato de L. Excepcionalmente, as janelas-balcão do coro não possuem vedação e foram utilizadas para a fixação dos sinos da Capela.

Diferente das demais, a porta principal (P1) foi executada com maior detalhamento e é constituída por duas folhas com painéis vedados por 3 almofadas de madeira talhada cada uma, que são fixadas aos marcos por dobradiças de cachimbo. A introdução das almofadas permitiu que a porta possua partes em relevo voltadas para o exterior, que demonstram uma preocupação em tratar esse elemento com uma hierarquia superior do que as demais. O estado de conservação dessa porta é regular, uma vez que não foram identificadas perdas pontuais significativas ou apodrecimentos; entretanto, percebeu-se uma pequena desarticulação dos encaixes dos painéis que levam a extremidade das folhas arrastarem no assoalho.



Fig. 88 – Detalhe da face externa da porta principal (P1).



Fig. 89 – Detalhe da face interna da porta principal (P1).

As demais portas apresentam, em sua maioria, patologias semelhantes como apodrecimento, desarticulação dos encaixes e perdas pontuais provocadas pela falta de conservação ao longo do tempo; com exceção da porta P4 que teve a folha dividida em duas bandeiras e, por consequência disso, apresenta maior grau de deterioração. Assim como a porta principal, esses elementos receberam várias camadas de repintura, as mais recentes sido feitas com tinta a óleo.



Fig. 90 – Detalhe das faces externa e interna da porta PA.



Fig. 91 – Detalhe das faces externa e interna da porta P4.



Fig. 92 – Detalhe da face interna da porta P4.



Fig. 93 – Detalhe das faces externa e interna da porta P3.

O acesso à Capela se dá pela porta P2, que está localizada na fachada lateral direita. Ainda que as patologias sejam semelhante à das outras portas, nesse elemento a necessidade de garantir a segurança contra possíveis invasões fez com que se abrissem perfurações para passagem de correntes, o que alterou o funcionamento das trancas originais. Além da descaracterização causada, houve o enfraquecimento das tábuas nas extremidades onde se adotou esse recurso.



Fig. 94 – Detalhe da face externa da porta P2.



Fig. 95 – Detalhe das faces externa e interna da porta P2.

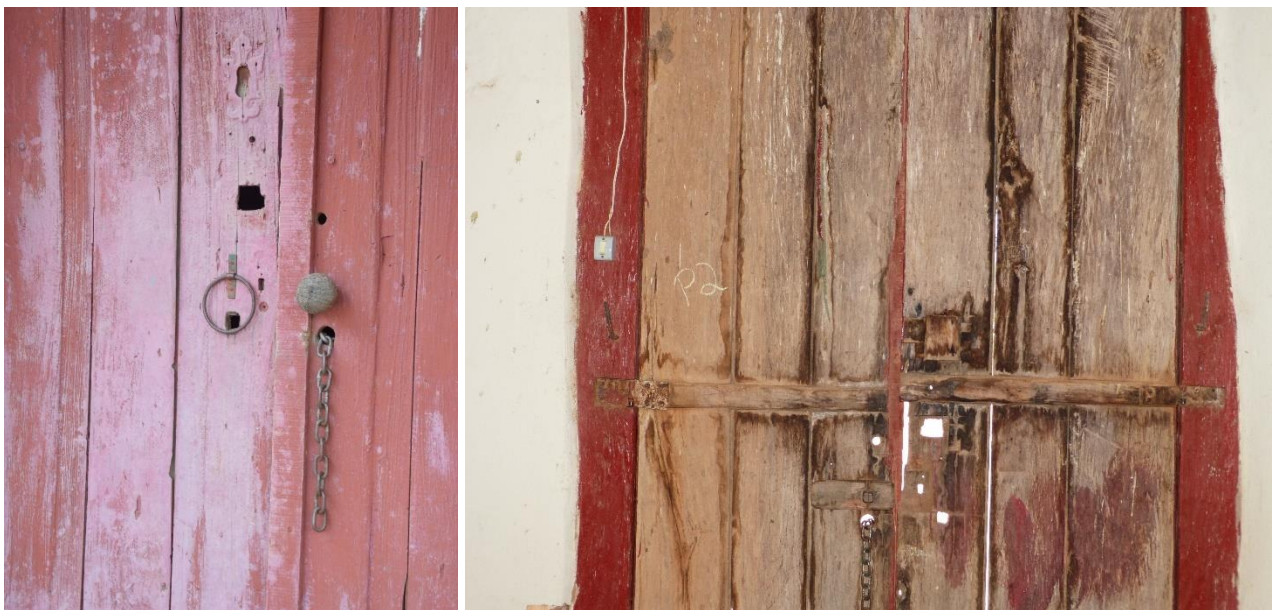


Fig. 96 – Detalhe das perfurações para passagem das correntes – Porta P2.

As janelas existentes na edificação possuem patologias semelhantes às encontradas nas portas, mas percebeu-se uma deterioração maior quanto ao apodrecimento das tábuas de madeira empregadas nas bandeiras. Internamente, é possível identificar faixas escuras iniciadas na parte central da janela que se manifestam com cerca de 2cm de espessura de cada lado das frestas e vão aumentando conforme se aproximam do peitoril. Em alguns casos, identificou-se, também, a desarticulação dos encaixes do tabuado com as travessas, o que tem provocado a deformação das bandeiras.

Os marcos das janelas, em geral, apresentam deteriorações superficiais ou pequenas perdas causadas pelo envelhecimento do material. Diante disso, a parte mais atingida, devido à posição de instalação, normalmente é o peitoril, onde as águas das chuvas incidem com maior intensidade e, por causa disso, apresentam maior quantidade de danos. No entanto, principalmente na fachada lateral direita, quase todos os esteios que recebem esses elementos apresentam apodrecimento nas bases, o que pode exigir a remoção integral da peça de madeira em algumas situações. Observou-se também a infestação de cupins em parte dos marcos.



Fig. 97 – Detalhe do estado de conservação – Janelas J3 e J4.



Fig. 98 – Detalhe do estado de conservação – Janela J7.



Fig. 99 – Detalhe do estado de conservação – Janela J10.

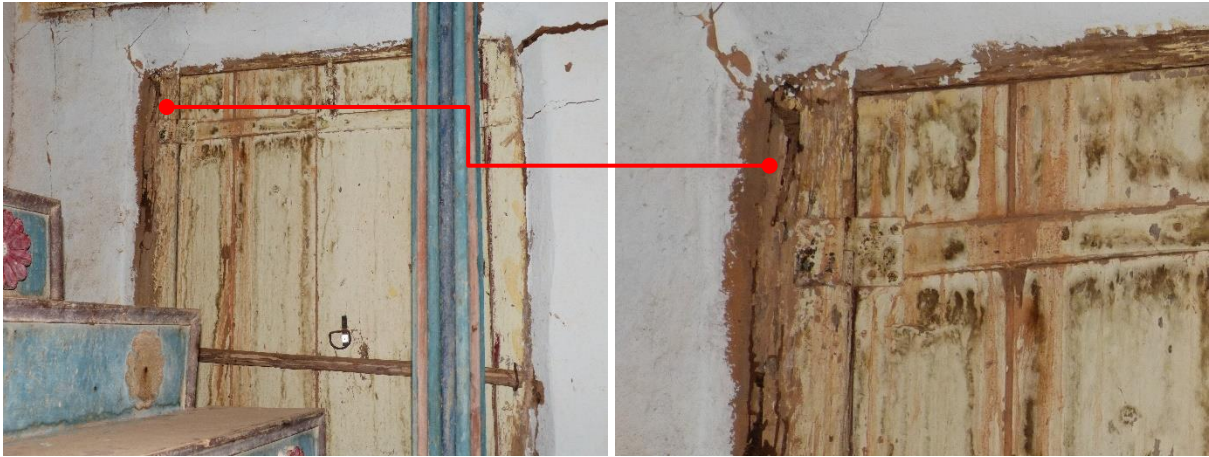


Fig. 100 – Detalhe do estado de conservação – Infestação por cupins.



Fig. 101 – Detalhe do estado de conservação – Esteios das janelas comprometidos.

Diferentemente das demais, as janelas existentes no coro são do tipo “balcão entalado” e não possuem bandeiras, o que faz com que fiquem constantemente abertas. Nelas foi instalada um guarda-corpo de cerca de 1m de altura, no qual se utilizaram tábuas recortadas em forma de balaústre semelhante ao empregado na extremidade oposta do coro, que serve de limitação desse espaço com a nave. Como citado anteriormente, houve a instalação dos sinos nessas janelas, possivelmente diante da destruição ou da não execução de um campanário para abriga-los, uma vez que a capela não possui torres. O estado de conservação dos elementos existentes nas janelas do coro é regular e não se observou deteriorações de grandes extensões.



Fig. 102 – Detalhe do estado de conservação – Janelas do coro.



Fig. 103 – Detalhe do estado de conservação das janelas do coro – Tábuas com perdas pontuais.



Fig. 104 – Detalhe do estado de conservação – Janelas do coro.

No interior da capela foram integradas duas cruzes de madeira, que representam a passagem de missões evangelizadoras na região antes da década de 60 do séc. XX. Esses elementos são simples, compostos por tábuas de madeira perpendiculares de cerca de 2cm de espessura, que contêm inscrições que indicam a data do acontecimento e a frase “Salva tua Alma”. Essas cruzes podem ser encontradas em outras localidades que tiveram a visitas dos padres jesuítas que estavam em missões naquela época.

Percebeu-se que a cruz do lado direito da nave possui uma rachadura em um dos braços, possivelmente, provocada durante a execução de reformas no interior da capela.

Além desse dano, existem diversas manchas de tinta provocadas por escorrimento; no entanto, não foram verificadas outras ocorrências mais graves.



Fig. 105 – Detalhe do estado de conservação – Cruzes das missões jesuítas.

3.7. Coro e Púlpito

Esses dois espaços, específicos dos projetos anteriores do Concílio Vaticano Segundo, foram preservados no interior da Capela sem alterações. Ambos são executados em madeira e possuem estado de conservação regular, com perdas pontuais de pequena extensão.

O coro se constitui a partir de uma plataforma de madeira tipo mezanino, com estrutura de sustentação por meio de barrotes de madeira, de cerca de 20x20cm de bitola, engastados nas paredes duplas de adobe. Essa estrutura encontra-se em estado regular de conservação, na qual se observou o escurecimento das superfícies inferiores e a presença de manchas mais claras junto a frestas das tábuas do assoalho. Ainda que não tenham sido identificados nas inspeções, é bastante possível que haja a infestação de cupins em alguns pontos, uma vez que tal ocorrência foi verificada nos tirantes de madeira que se encontram acima desse espaço.

Existe um guarda-corpo de tábuas em forma de balaústres idênticas ao das janelas do coro. Não foi evidenciado problemas como apodrecimento e deteriorações superficiais nesses elementos; entretanto, devido ao uso ao longo dos anos, algumas peças possuem perdas pontuais nas extremidades, onde os recortes dos detalhes deixam a madeira mais frágil. Isso, possivelmente, deve ter ocorrido em função de esforços causados por pancadas ou pela fixação de enfeites durante as festas realizadas na Capela. Também houve a

amarração de arames nessas tábuas, que servem para sustentar a instalação elétrica improvisada na nave.



Fig. 106 – Detalhe do estado de conservação – Estrutura de sustentação do coro.



Fig. 107 – Detalhe do estado de conservação – Guarda-corpo do coro.

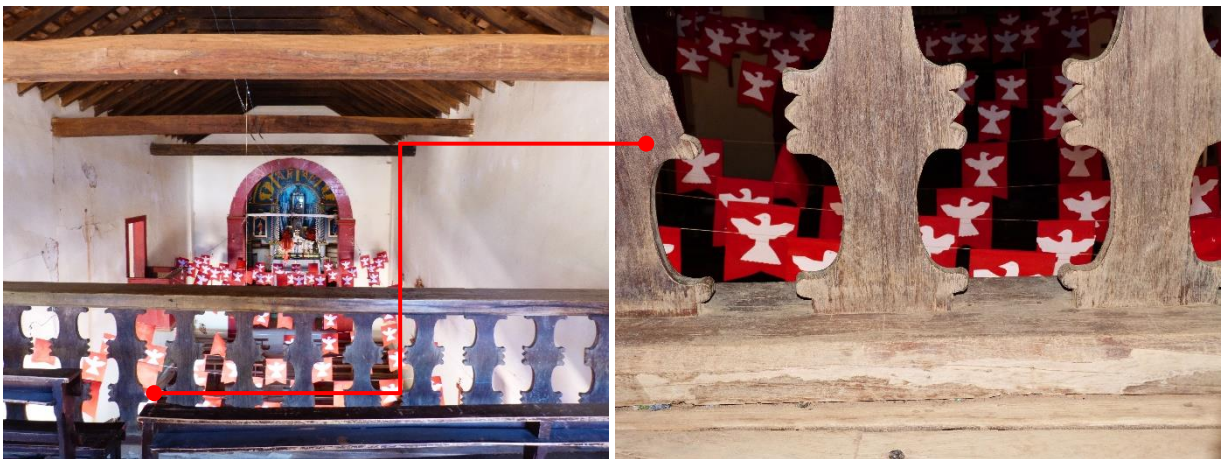


Fig. 108 – Detalhe do estado de conservação – Guarda-corpo do coro.



Fig. 109 – Detalhe do estado de conservação – Arames amarrados nas tábuas do guarda-corpo.

A porta de acesso ao coro possuía vedação em esquadria com folhas de madeira que foi removida e substituída recentemente por uma grade de metalon fixada em dobradiças. Essa intervenção provoca uma descaracterização e deve ser removida durante as obras de restauração.



Fig. 110 – Intervenção inadequada – Instalação de grade no lugar da porta original.

O púlpito executado na Capela é um balcão de madeira projetado sobre a nave e acessado por escada instalada no hall existente junto da sacristia do lado esquerdo. A concepção desse elemento é simples sem o emprego de ornamentos complexos, contando apenas com emolduramento nas extremidades horizontais e verticais. Observou-se que parte dessas molduras possui perdas pontuais nas faces. Não foram verificados apodrecimentos, mas, possivelmente, existem partes com ataques por cupins.



Fig. 111 – Detalhe do elemento – Púlpito.



Fig. 112 – Detalhe do elemento – Púlpito.



Fig. 113 – Detalhe do estado de conservação – Perdas pontuais na base do púlpito.

3.8. Elementos Complementares

A Capela de São José do Gorutuba contém alguns elementos executados em madeira que contêm um labor mais elaborado, mas não se constituem em qualidade no mesmo patamar dos bens artísticos integrados contidos na edificação. Isso exige um tratamento nessa parte do relatório do diagnóstico, considerando a abordagem em separado dos demais no item 4, uma vez que exigirão um cuidado especial na restauração. Esses elementos são três óculos, uma pia batismal, um arco-cruzeiro e um arco que separa a capela do Santíssimo da sacristia lateral direita.

Os óculos estão dispostos nas fachadas principal e laterais, os quais servem de entrada de luz natural e ventilação no coro, escada de acesso a esse espaço e batistério, respectivamente. Não há uma padronização de tamanho, mas esses elementos possuem em comum a forma quadrilobada no interior contidas no interior de uma circunferência. Quanto ao estado de conservação, observou-se a existência de deterioração superficial nas faces externas dos óculos, causada pela exposição às intempéries. Ainda que haja a cobertura com pintura, é possível verificar sulcos profundos entre as fibras da madeira e algumas perdas pontuais. Esses danos, em geral, não comprometem as peças, mas demandaram cuidados específicos durante o restauro para minimizar os efeitos nas partes mais deterioradas.

No óculo posicionado na parede do batistério (fachada lateral esquerda) uma parte da peça que deveria estar recoberta com reboco está exposta, o que deve ter sido

provocado por uma intervenção inadequada em alguma das reformas que a edificação sofreu. Além da descaracterização realizada, a exposição dessa parte do elemento pode provocar a deterioração por meio de apodrecimento ou infestação de cupins, uma vez que se trata da parte mais frágil da peça de madeira talhada devido a menor seção. Observou-se também, a incidência de uma infiltração proveniente do telhado acima desse óculo, o que inclusive provocou a perda pontual do reboco abaixo do elemento.



Fig. 114 – Detalhe do estado de conservação – Óculo da fachada lateral esquerda.



Fig. 115 – Detalhe do estado de conservação – Óculo da fachada lateral esquerda.

O óculo da fachada principal é o maior dos três e apresenta poucos danos, que, normalmente, estão associados ao envelhecimento natural da própria madeira. Contudo, pode-se observar a realização da entrada da instalação elétrica na Capela passando pelo elemento, o que pode provocar a perda pontual nas saliências da forma quadrilobada ou, em uma situação mais grave, dar início ao processo de incêndio, uma vez que o material do óculo já está fragilizado e a instalação elétrica é subdimensionada para a edificação.

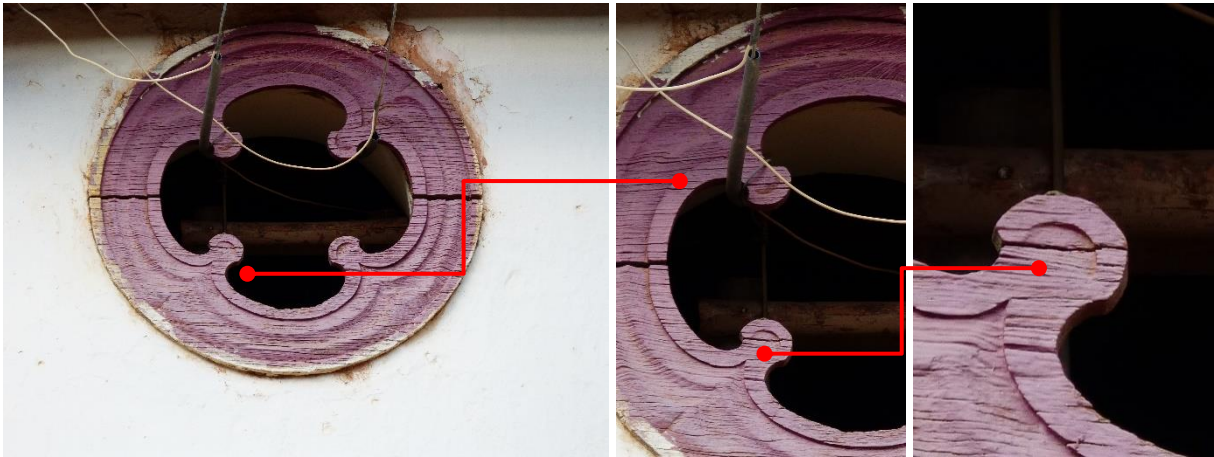


Fig. 116 – Detalhe do estado de conservação – Óculo da fachada principal.

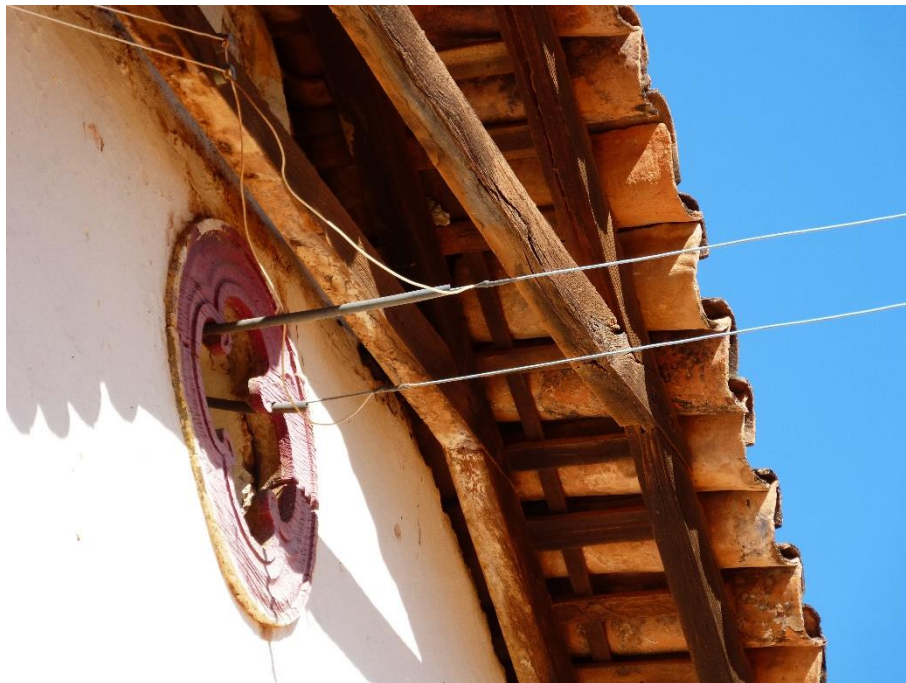


Fig. 117 – Detalhe do estado de conservação – Fiação elétrica passando pelo óculo da fachada principal.

O óculo que serve para iluminar a escada de acesso ao coro, localizado na fachada lateral direita, não apresenta danos graves. O que se observou foi o desgaste parcial da

pintura, devido à aplicação de diversas camadas de tinta a óleo sem o preparo adequado da superfície da madeira.



Fig. 118 – Detalhe do estado de conservação – Óculo da fachada lateral direita.

No batistério existe uma pia batismal, que é um elemento fixo da capela, feita em madeira maciça esculpida. O estado de conservação desse elemento é regular externamente, mas possui alguns danos da face interna da bacia que deve ser reparado ou ter as patologias limitadas por alguma medida corretiva junto da recuperação dos demais elementos artísticos.



Fig. 119 – Detalhe do estado de conservação – Pia batismal.

O arco cruzeiro existente na capela é elemento estrutural simples, internamente composto por esteios robustos e possivelmente ligado a mãos francesas que fazem a interligação com o restante da estrutura da edificação. Na parte externa é revestido por tábuas de madeira lisas e emolduramento na forma de embasamento e capiteis. Não há um apuro artístico nos elementos decorativos, sendo esses utilizados somente para demarcar as principais partes constituintes: base, pilastras e arco. No centro do arco, na face inferior, existe um ornamento que tem dimensão próxima a espessura da parede. Nas extremidades desse ornamento foi feito um acabamento em baixo relevo representando sulcos e espirais, que se sobressaem cerca de 5 cm de cada lado na direção da nave e da capela-mor.

Além da descaracterização do arco cruzeiro, feita após a repintura desse na cor vermelha, observou-se danos de pequena monta, normalmente caracterizados por perdas pontuais nas cornijas utilizadas no emolduramento da base e do capitel. Percebeu-se, também, um pequeno descolamento em algumas das tábuas que revestem o elemento e a fixação de pregos ou ganchos que foram usados para prender a fiação elétrica ou os enfeites das festas que se realizam na capela. Não foi verificado indícios de uso de pintura mural, mas na remoção das camadas de tinta deve-se fazer uma investigação mais aprofundada para a correta determinação desse fato.



Fig. 120 – Vista geral – Arco Cruzeiro.



Fig. 121 – Detalhe do estado de conservação – Arco Cruzeiro.



Fig. 122 – Elementos fixados no arco cruzeiro.



Fig. 123 – Detalhes das cornijas existentes no arco cruzeiro.



Fig. 124 – Detalhes do acabamento inferior do arco cruzeiro.

Entre a sacristia lateral direita e a capela do santíssimo existe uma espécie de arco cruzeiro também; porém, com menor dimensões, mas com maior rebuscamento. Possivelmente, não é um elemento executado na mesma época do retábulo principal e dos ornamentos da primeira fase de construção, uma vez que possui uma qualidade executiva bem mais elaborada do que estes. As características levam a supor que se trata da contratação de algum mestre artífice de maior competência, que se destinou a confeccionar o arco citado, o altar do santíssimo e alguns dos nichos.

Esse arco é igualmente revestido por tábuas, mas foram acrescentados ornamentos em relevo que criam uma almofada nas extremidades inferiores e um friso central que envolve a parte central. Uma cornija também foi empregada para demarcar o embasamento, mas não houve o emprego de capiteis. Nesse elemento em si, não foram identificadas patologias graves. No entanto, houve a repintura com cor idêntica à dos demais elementos em madeira do interior da edificação e a fixação de pregos para prender objetos. O maior problema observado não deriva do arco, mas da parede da fachada lateral direita que, por ter a estrutura comprometida, ameaça desabar, colocando em risco todas as obras acondicionadas nessa parte da capela. Outra patologia a ser considerável é a infestação por cupins no esteio que sustenta a estrutura do arco, sendo que no localizado a direita é possível observar a deterioração causada por esses insetos.

O escoramento a ser feito para conter o risco de desabamento deve ser executado a fim de preservar esses elementos, evitando o contato direto das escoras com as peças de madeira. Nos pontos onde for necessário o contato, deve-se fazer o revestimento da

superfície com espumas ou tecido acolchoado grosso para garantir a integridade de todos os ornamentos existentes.



Fig. 125 – Vista geral – Arco Capela Santíssimo (detalhe do local em arruinação).



Fig. 126 – Detalhe do apodrecimento no esteio que sustenta o arco.



Fig. 127 – Detalhes ornamentais do arco.



Fig. 128 – Detalhes ornamentais do arco.

3.9. Instalações Prediais

A Capela de São José do Gortuba não possui internamente outro tipo de instalações prediais senão a elétrica, uma vez que não foram disponibilizados pontos

hidráulicos na edificação. Do mesmo modo não há sistema de prevenção e combate a incêndios nem tampouco sistema de segurança de nenhuma natureza.

A instalação elétrica existente foi executada de forma improvisada sem qualquer tipo de projeto para evitar possíveis danos à edificação. A fiação está exposta e, muitas vezes, com emendas ou partes desencapadas. Para a fixação dos fios esses foram amarrados nas peças de madeira da estrutura ou presos por arames, não há conduítes ou outros elementos de proteção. A única parte embutida, ainda que executada de modo inadequada à preservação do imóvel, é um quadro de distribuição localizada ao lado da porta principal, no interior da capela.

A fiação foi executada há algum tempo e foi bastante modificada a fim de se adaptar novos pontos de luz ou para a disposição de tomadas. Esse fato é um agravante, além da incapacidade do material usado para a carga elétrica necessária para o funcionamento da capela durante as festas anuais do padroeiro. Nessas épocas, é comum comunicar cabos externos à instalação elétrica interna para distribuir energia entre as barracas. Em depoimento sobre esses acontecimentos, a zeladora da capela informou que é comum ocorrer oscilações na luz emitida pelas lâmpadas e nos aparelhos conectados à rede. Ainda, quando existe uso mais prolongado da edificação é comum deixar uma geladeira em funcionamento na copa, o que mantém um consumo constante de energia na tomada disponibilizada para esse equipamento.

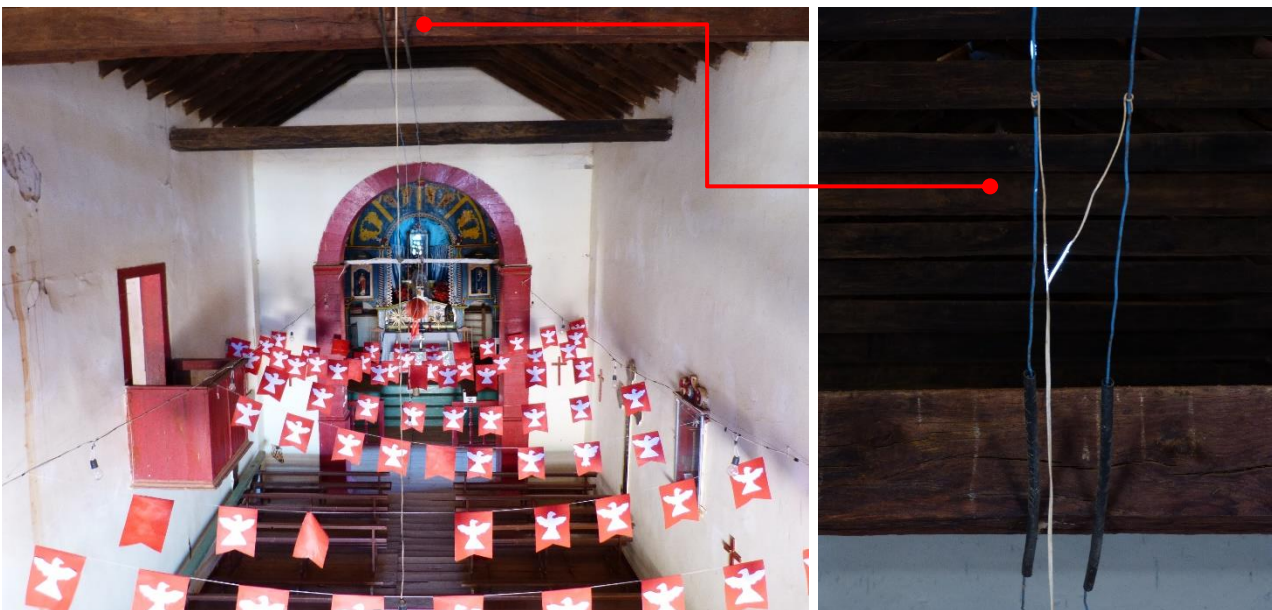


Fig. 129 – Detalhes da instalação elétrica executada na nave.



Fig. 130 – Detalhes da instalação elétrica executada na nave – isolamento das emendas nos fios.

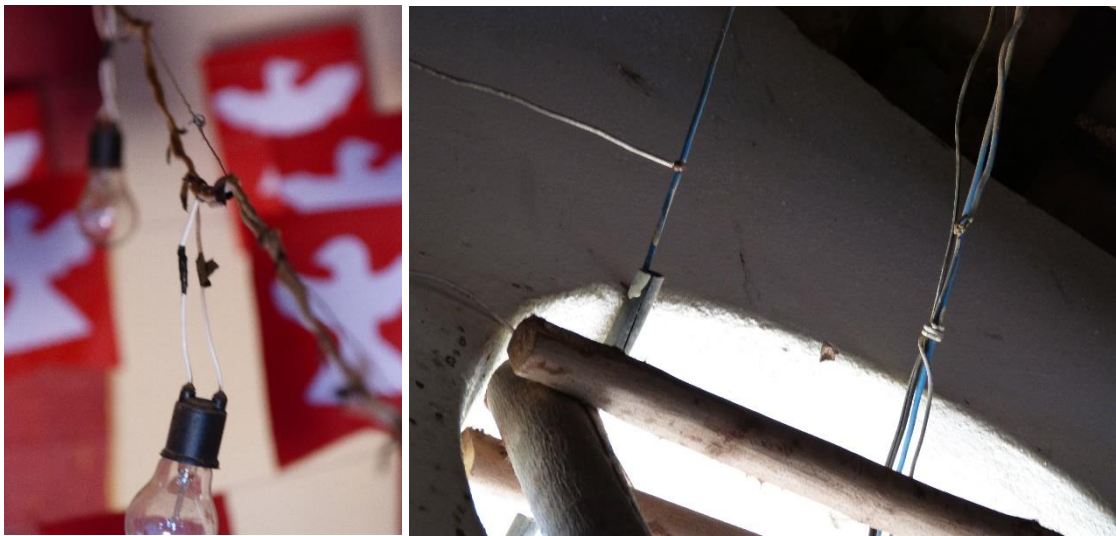


Fig. 131 – Detalhes da instalação elétrica executada na nave – isolamento das emendas nos fios.



Fig. 132 – Detalhes da instalação elétrica executada na sacristia lateral esquerda.



Fig. 133 – Detalhes da instalação elétrica – Fixação dos pontos de energia.



Fig. 134 – Detalhes da instalação elétrica – Fixação dos pontos de energia.

3.10. Elementos Artísticos Integrados

A Capela de Nossa Senhora da Soledade de São José do Gortuba possui como elementos artísticos integrados dois retábulos, dois painéis de forro com pinturas parietais, quatro nichos, além de um guarda-corpo que separa a capela-mor do altar. Esses elementos são de feitiço popular e execução desvinculada do eruditismo presente em

algumas obras da arquitetura religiosa mineira. No entanto, isso não reduz o valor desses objetos enquanto manifestação histórica e cultural, o que induz a necessidade de uma restauração tão criteriosa quanto a de qualquer obra-prima.

Os forros foram executados na capela-mor e na capela do Santíssimo Sacramento são em esquite, compostos por um painel horizontal no centro da composição e dois planos laterais inclinados. Ambos foram preparados para que houvesse a realização de pinturas parietais, ainda que somente o da capela-mor apresente resquícios dessa solução, que, entretanto, está parcialmente encoberto por repinturas. Os motivos pintados, possíveis de identificar sem a realização de prospecções, são composições florais policromadas dispostas em pares de cada lado dos painéis inclinados. Além dessa solução, o forro foi dividido em 15 requadros por frisos de madeira que criam molduras para, possivelmente, distribuir as pinturas. Somente 4 desses contêm a execução original sem cobertura por nova cama de tinta, ainda que os painéis centrais não indiquem a existência de algum trabalho artístico mais elaborado.

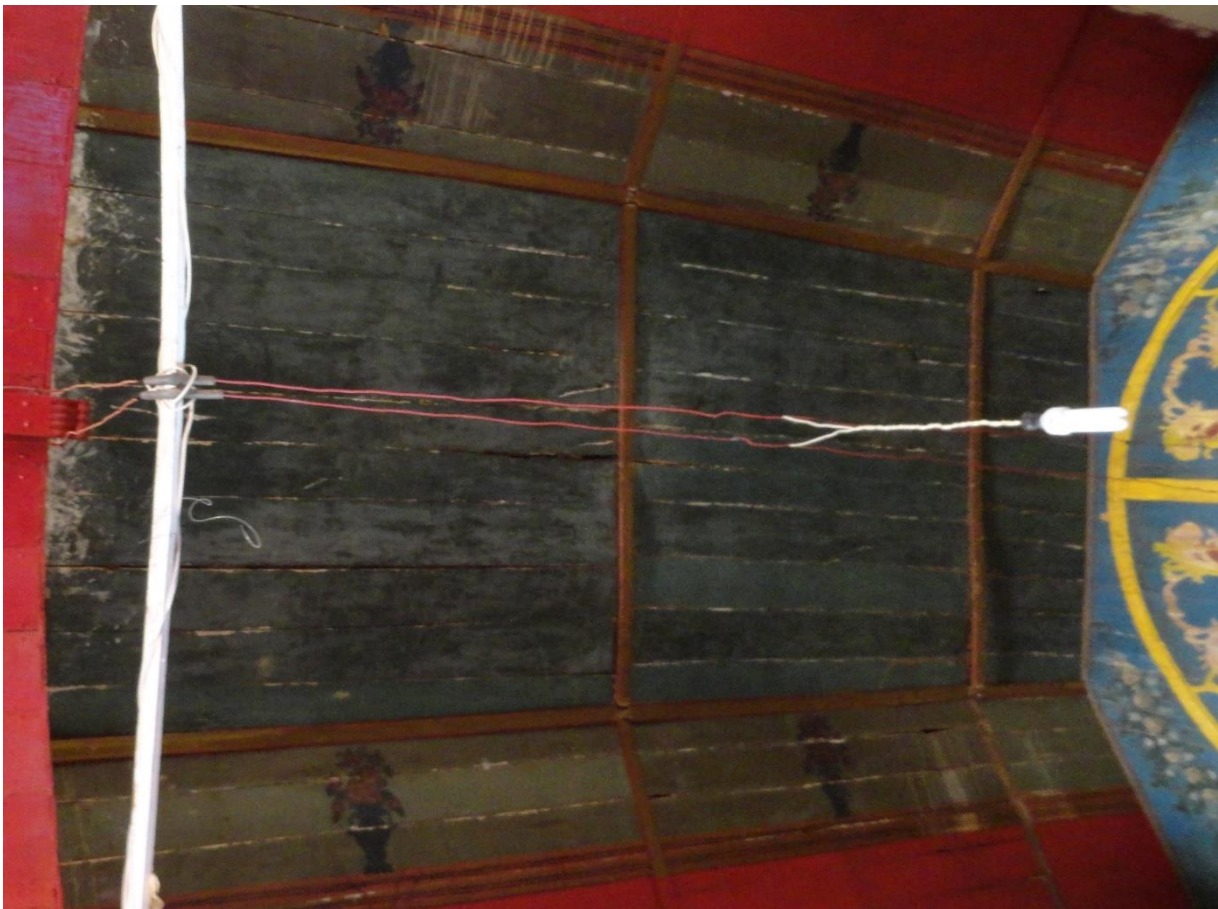


Fig. 135 – Detalhe do forro – Capela-mor.



Fig. 136 – Detalhe do forro – Capela-mor.



Fig. 137 – Detalhe do forro da capela-mor – Pinturas parietais.

De um modo geral, o estado de conservação desse forro é ruim, nos quais podem ser perceber danos causados pela infiltração de água pelo telhado. Foram verificadas diversas manchas escuras, denotando apodrecimento da madeira, ou de cor clara, que evidenciam a presença de escorrimentos. Além da repintura de parte dos painéis com tinta a óleo, existem partes em que se sujou as extremidades das tábuas com a tinta aplicada nas paredes. Identificou-se também perdas pontuais ocorrendo nas bordas das peças de madeira e galerias de cupins sobre a superfície do forro, o que indica a infestação desses insetos afetando esses elementos. Certamente, quando se retirar o telhado, deve-se identificar danos na estrutura que sustenta o forro causados tanto pelas infiltrações quanto pelas térmitas. Desse modo, será necessária uma investigação mais detalhada quando ocorrer a restauração a fim de analisar o comprometimento desses elementos.



Fig. 138 – Detalhe do forro da capela-mor – Patologias.

O forro da capela do Santíssimo foi executado em forma semelhante ao da capela-mor, contando também com frisos de madeira criando, nesse caso, uma moldura central, que junto das cimbalhas formam um painel duplo uma das faces inclinadas. O estado de conservação é igualmente ruim, no qual se observou patologias semelhantes às descritas anteriormente.



Fig. 139 – Detalhe do forro – Capela do Santíssimo Sacramento.



Fig. 140 – Detalhe do forro – Capela do Santíssimo Sacramento.

As constantes infiltrações no telhado têm intensificado o aparecimento de patologias nesse forro, podendo-se perceber danos em todas as superfícies das tábuas.

Além desse agente, o processo de arruinamento existente na parede da sacristia igualmente vem colocando em risco a conservação tanto do forro quanto do retábulo existente na capela do Santíssimo. Outro agravante é a presença constante de morcegos nesse local, que acabam depositando matéria orgânica e fezes sobre os elementos e a estrutura.



Fig. 141 – Detalhe do forro da Capela do Santíssimo Sacramento – Matéria orgânica depositada sobre o forro.



Fig. 142 – Detalhe do forro da Capela do Santíssimo Sacramento – Escorrimentos.



Fig. 143 – Detalhe do forro da Capela do Santíssimo Sacramento – Deteriorações superficiais.

O retábulo da capela-mor, ainda que não seja o de melhor qualidade de execução, é o que contém mais elementos constituintes. A inspiração é sem dúvida baseada nos altares comumente difundidos na arquitetura religiosa brasileira, contendo nichos, pilastras, arabescos, pinturas parietais, entre outros ornamentos. É também o que sofreu maior descaracterização com o tempo, tendo partes removidas ou danificadas e o recobrimento total com tinta a óleo nas cores azul, amarela e branca.



Fig. 144 – Detalhe do retábulo – Capela-mor.

As pinturas parietais foram quase todas recobertas pelas repinturas o que, além de descaracterizar bastante o retábulo, pode ter causado uma perda irreversível nesses

elementos decorativos. Em alguns pontos, os florais e as formas fitomórficas foram contornadas para que, possivelmente, fossem repintadas com tintas contemporâneas. Pode-se observar o que parece ser a tentativa de remover as camadas de tinta aplicadas sobre os florais existentes na parte superior do retábulo, o que removeu uma parte considerável das camadas originais. Ainda, em vários pontos foram improvisadas tomadas ou se passou a fiação para a iluminação da parte interna. Nessa intervenção, não foram usados conduítes e os fios estão fixados sobre as peças de madeira.



Fig. 145 – Detalhe do retábulo-mor – Descaracterizações.

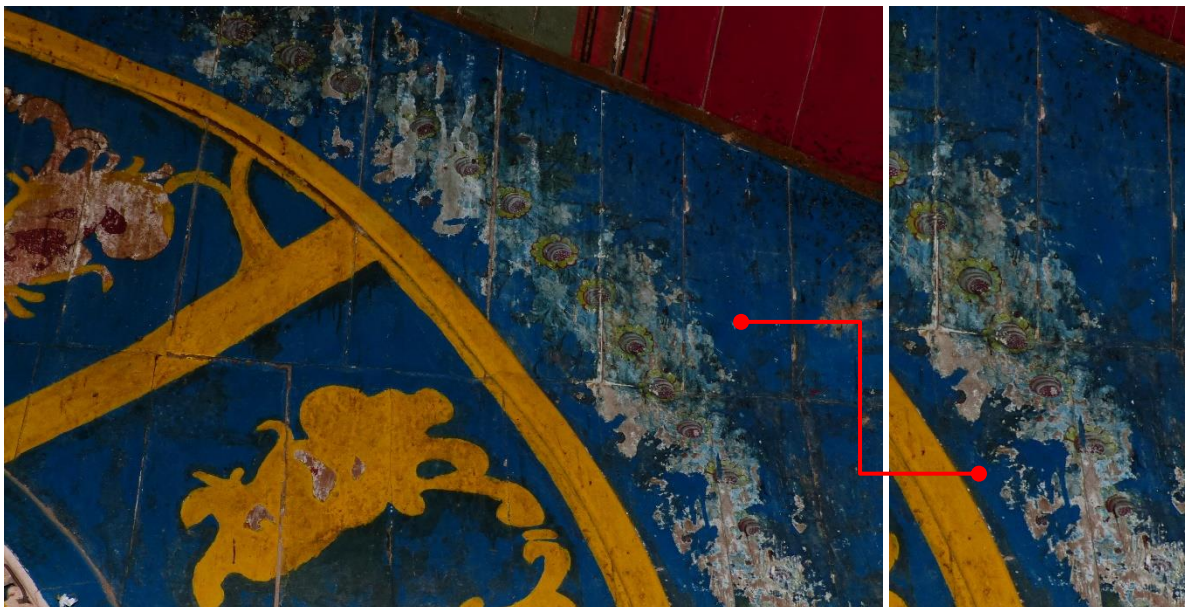


Fig. 146 – Detalhe de retábulo-mor – Tentativa de remoção das repinturas executada com técnica inapropriada.



Fig. 147 – Detalhe de retábulo-mor – Contorno das pinturas originais.



Fig. 148 – Detalhe de retábulo-mor – Repinturas.

O retábulo teve também a modificação dos nichos laterais, com a retirada de parte dos oratórios menores que ocupam a porção central do espaço. No lugar, foram acrescentadas pequenas cruzes. Ainda que agressiva à composição original, essa descaracterização não deverá ser removida na execução da restauração do elemento, uma vez que se trata de uma adaptação que não se pode datar e sua retirada poderia desconsiderar a passagem da obra de arte no tempo, contrariando as premissas da Teoria da Restauração na visão Cesare Brandi.

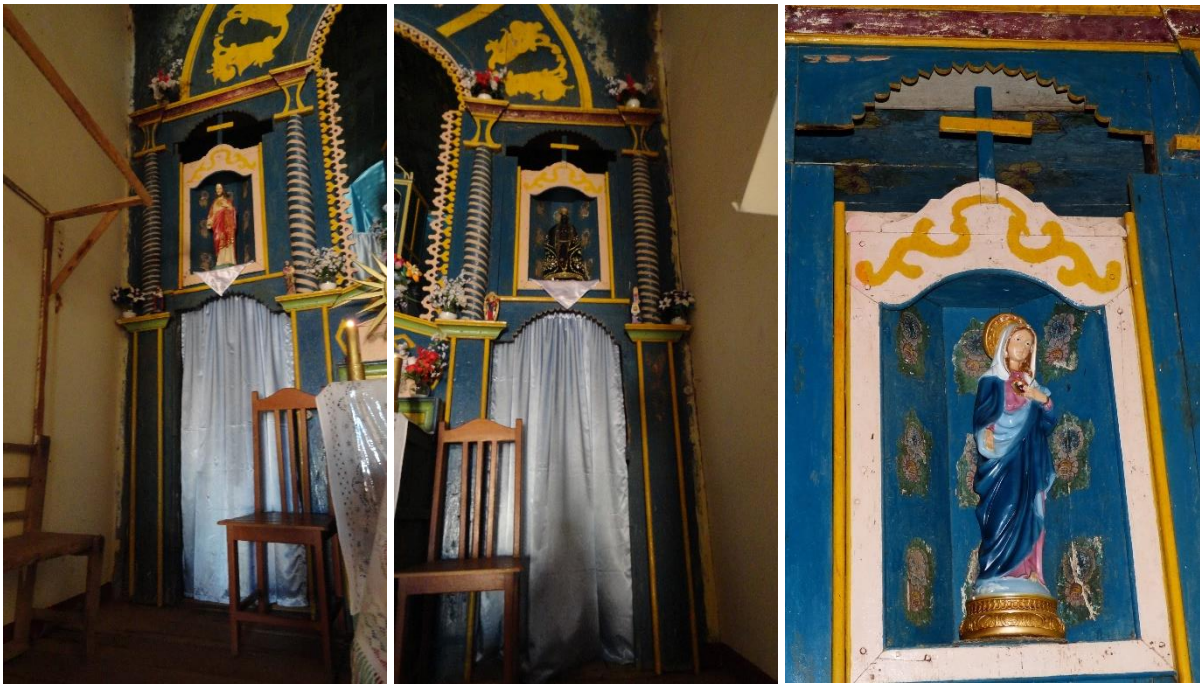


Fig. 149 – Detalhe de retábulo-mor – Nichos laterais modificados.

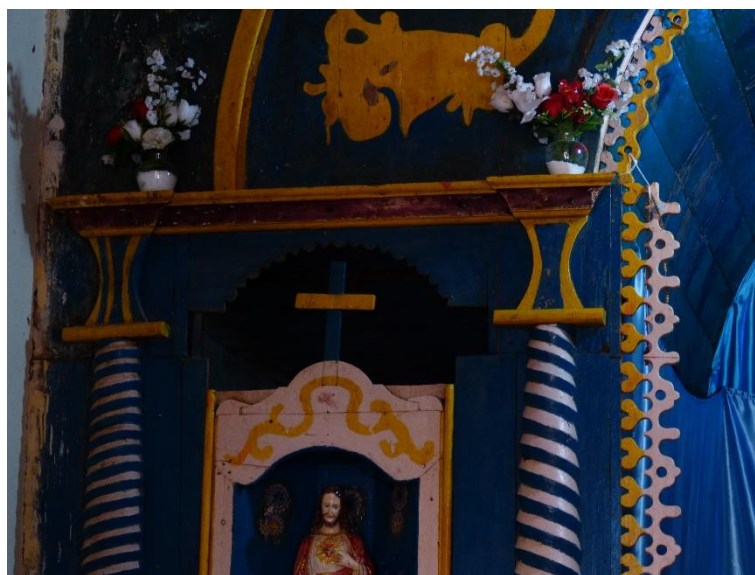


Fig. 150 – Detalhe de retábulo-mor – Nichos laterais modificados.

A parte interna do retábulo possui forração nos nichos, sendo o central arrematado por um forro em forma de abóboda e os laterais planos. Em ambos foram executas pinturas parietais com desenhos florais repetidos e possuem estado de conservação diferentes. Os forros das laterais foram pouco alterados e apresentam o aspecto original das cores e das formas pintadas. Já o central, além da repintura com tinta a óleo, existe marcas de esforço de algum objeto que, ao se fazer força para desloca-lo, causou o desgaste superficial das tábuas de madeira. Ademais, percebem-se patologias causadas pela umidade, como manchas escuras e apodrecimentos pontuais, e a instalação inadequada de fiação elétrica e pontos de iluminação. Ainda que não observados, as estruturas internas do retábulo e esses forros devem ter sido acometidos por cupins.



Fig. 151 – Detalhe de retábulo-mor – Pintura original dos forros dos nichos laterais.



Fig. 152 – Detalhe de retábulo-mor – Pintura do forro do nicho central.



Fig. 153 – Detalhe de retábulo-mor – Descaracterização do forro do nicho central.

Recomenda-se a execução de um estudo mais detalhado para a execução da restauração desse retábulo, analisando-se mais profundamente a extensão dos danos e as condições das estruturas e partes não acessíveis abaixo do telhado.

O retábulo da capela do Santíssimo Sacramento é a obra com maior qualidade de execução, contendo um apuro estético e um primor nos elementos constituintes que não são vistos no retábulo-mor. Pelas características, possivelmente, a confecção desse retábulo não data do período da construção inicial, sendo executado no século XIX, provavelmente. Não foram realizadas repinturas nesse elemento, mas parte dos elementos existentes se perderam ou foram retirados. Isso pode ser observado na inexistência de quatro das nove flores esculpidas nos patamares do trono, além da perda da metade de

uma das ainda existentes. O embasamento desse retábulo também foi modificado recentemente, tendo sido removido quase todos elementos que vedavam a parte inferior.



Fig. 154 – Detalhe de retábulo – Capela do Santíssimo.



Fig. 155 – Detalhe de retábulo da Capela do Santíssimo – Perda de elementos.



Fig. 156 – Detalhe de retábulo da Capela do Santíssimo – Perda de elementos (foto 1 – retirada do dossiê de tombamento da capela executado em março de 2002).



Fig. 157 – Detalhe de retábulo da Capela do Santíssimo – Flores esculpidas.

Percebe-se também a perda de uma parte do baldaquino (destaque em amarelo na figura 155), que possivelmente foi quebrado durante a colocação ou retirada de santos ou enfeites que costumam ser usados para ornar o retábulo.

Além desses danos, podem ser observados problemas como a desarticulação dos encaixes das colunas e capiteis com o baldaquino, desgastes superficiais nas peças de madeira e na pintura original, manchas de umidade e perdas pontuais. Assim como no retábulo-mor, a realização dos serviços deve ser acompanhada de um estudo aprofundado

para melhor se determinar os serviços específicos a serem dispensados na restauração desses elementos.



Fig. 158 – Detalhe de retábulo da Capela do Santíssimo – Colunas e capiteis.



Fig. 159 – Detalhe de retábulo da Capela do Santíssimo – Parte das peças quebradas do baldaquino.

Os nichos são de composição variada e indicam a possível execução em épocas e condições diferentes. A distribuição desses se dá em dois que acompanham o arco da capela do Santíssimo Sacramento, que são de pequenas dimensões e sendo o localizado

à direita mais elaborado, mesmo que aparentemente tenha perdido a parte do arremate superior. Os outros dois estão localizados na nave, nas paredes laterais de forma oposta. Igualmente, o executado à direita possui feitiço mais rebuscado, enquanto o da esquerda é mais simples, porém, de maior dimensão.

Os nichos mais elaborados possuem um acabamento distinto, com detalhes em alto relevo e feitiço cuidadoso na talha de madeira. Ambos possuem tratamento nos fundos, com pintura parietal representando um vaso de flores no nicho do lado direito da nave e com colagem de um tecido florido no existente junto ao arco da Capela do Santíssimo. Os danos observados têm relação com a má conservação desses elementos, sendo possível observação perdas pontuais, partes removidas, desgastes nos acabamentos, sujidade, além de intervenções que os descaracterizaram como repinturas e acréscimo de proteções com vidro e moldura de alumínio.



Fig. 160 – Detalhe do Nicho da Capela do Santíssimo (lado direito) – Estado geral de conservação.



Fig. 161 – Detalhe do Nicho da Capela do Santíssimo (lado direito) – Partes deterioradas.



Fig. 162 – Detalhe do Nicho da Capela do Santíssimo (lado direito) – Acabamento em tecido nos fundos.



Fig. 163 – Detalhe do Nicho da Nave (lado direito) – Estado geral de conservação.



Fig. 164 – Detalhe do Nicho da Nave (lado direito) – Pintura parietal.

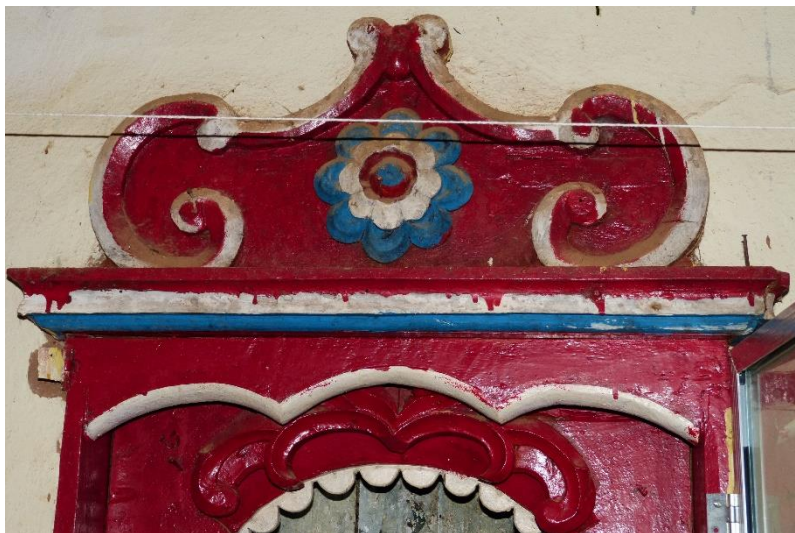


Fig. 165 – Detalhe do Nicho da Nave (lado direito) – Acabamento superior.



Fig. 166 – Detalhe do Nicho da Nave (lado direito) – Acabamento inferior.



Fig. 167 – Detalhe do Nicho da Nave (lado direito) – Perdas pontuais e sujidade.

Os demais nichos têm confecção mais simples e sofreram descaracterizações que alteram a forma em relação à original. Ambos também receberam repintura em tinta a óleo na cor vermelha e apresentam perdas pontuais, desgastes superficiais nos acabamentos, manchas escuras, sujidade, entre outros danos. Cabe ressaltar que o nicho do lado esquerdo da nave foi executado no local de uma porta vedada, que, possivelmente, serviria para acesso ao lado externo caso a possível concepção inicial da edificação tivesse sido seguida.



Fig. 168 – Detalhe do Nicho da Nave (lado esquerdo) – Estado geral de conservação.



Fig. 169 – Detalhe do Nicho da Nave (lado esquerdo) – Descaracterizações.



Fig. 170 – Detalhe do Nicho da Nave (lado esquerdo) – Descaracterizações.



Fig. 171 – Detalhe do Nicho da Capela do Santíssimo (lado esquerdo) – Estado geral de conservação.



Fig. 172 – Detalhe do Nicho da Capela do Santíssimo (lado esquerdo) – Descaracterizações.

Além desses elementos artísticos integrados, existe na capela um guarda-corpo de madeira com balaustrada que divide a capela-mor. Esse elemento é composto por duas peças horizontais retangulares e as peças torneadas cilíndrica, que são distribuídas espaçadas entre si. Como todo o madeiramento da edificação também recebeu pintura na cor vermelha com tinta a óleo, o que provocou descaracterização. Foram observados problemas como desalinhamento, perdas pontuais, rachaduras, desencaixes, manchas caudas por respingos de tinta. É necessário considerar que o assoalho abaixo desse

guarda-corpo tem sido afetado pelas infiltrações de água pluvial, o que pode ter provocado apodrecimento em parte da peça de madeira que serve de base.



Fig. 173 – Detalhe do guarda-corpo da capela-mor – Estado geral de conservação.



Fig. 174 – Detalhe do guarda-corpo da capela-mor – Estado geral de conservação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como relatado nesse diagnóstico, o mal estado de conservação da edificação de boa parte dos elementos coloca em caráter de urgência a realização de uma restauração, principalmente, naqueles elementos que podem vir a provocar arruinamento na edificação. Os danos observados na estrutura de madeira do lado direito da capela são extremamente graves e exigem cuidado imediato, uma vez que nos dois últimos anos houve um avanço considerável das rachaduras e patologias subsequentes.

A edificação não foi executada com baldrames¹⁰, fato que deixa ainda mais fragilizadas as paredes no local do apodrecimento das bases dos esteios, pois a alvenaria de adobe está apoiada diretamente sobre o alicerce e, por ter somente a função de vedação, são incapazes de suportar as cargas provenientes do telhado. Como a fundação também não foi preparada para suportar os empuxos causados pela movimentação da estrutura fragilizada, o escorregamento lateral do conjunto tende a se intensificar e provocar o colapso da fachada lateral direita e de fundos. O desabamento, nesse caso, certamente, ocasionará danos graves sobre os elementos artísticos integrados da capela do Santíssimo Sacramento.

Além desse problema mais grave, é necessário a rápida recuperação do telhado, a fim de garantir sua funcionalidade e proteger os demais elementos da edificação. O abatimento visto nos planos de cobertura denuncia o apodrecimento da estrutura de madeira, que, se não corrigido, pode evoluir para um desabamento parcial. A recuperação do telhado deve considerar a correção das alterações produzidas nas reformas, que estão contribuindo para o aparecimento de patologias na base das paredes e dos esteios. É ainda preciso resolver o problema do escoamento de águas pluviais no terreno que, ao estarem conduzindo a enxurrada para dentro da capela, tendem a gerar danos mais graves no futuro.

Por fim, a restauração deve, além de sanar os problemas relatados nesse diagnóstico, tratar de dar uma integridade ao tratamento estético da edificação, que foi tão agredido por intervenções sem apoio técnico. As repinturas e alterações nos elementos constituintes da capela provocaram em algumas situações danos irreversíveis, como os gerados nos retábulos e nichos. Além disso, mascaram as características autênticas do bem. Ressalta-se que a proposta não se fundamenta na busca pelo estado original, nem tampouco anseiam resgatar a história como se essa fosse reversível. A intenção primária da restauração proposta será a recuperação do imóvel, aproveitando-se o que ainda pode ser resgatado e respeitando aquilo que se perdeu para sempre.

¹⁰ Baldrames são peças horizontais que fazem o travamento inferior numa estrutura de madeira.



FICHA TÉCNICA

Levantamento Cadastral

Régis Eduardo Martins – Tecnólogo em Conservação e Restauro.

Lívia Ludmila Freire de Carvalho – Arquiteta Urbanista.

Lucas Cerqueira Versiani – Estagiário de Arquitetura e Urbanismo.

Rafael Augusto Oliveira – Estagiário de Arquitetura e Urbanismo.

Vanessa Rodrigues de Souza – Estagiária de Arquitetura e Urbanismo.

Diagnóstico do Estado de Conservação

Régis Eduardo Martins – Tecnólogo em Conservação e Restauro.

Lívia Ludmila Freire de Carvalho – Arquiteta Urbanista.

Suporte Técnico e Assessoria

Rodrigo Arlindo dos Santos Silva – Arquiteta Urbanista.



Régis Eduardo Martins
Tecnólogo em Conservação e Restauro
Especialista em Gestão do Patrimônio Histórico e Cultural

ASSINATURA DOS PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS

Régis Eduardo Martins – Tecnólogo em Conservação e Restauro

Livia Ludmila Freire de Carvalho – Arquiteta Urbanista – CAU 154558-2

Rodrigo Arlindo dos Santos Silva – Arquiteto Urbanista – CAU A88437-5